

200

1875

ALVARO GUERRA

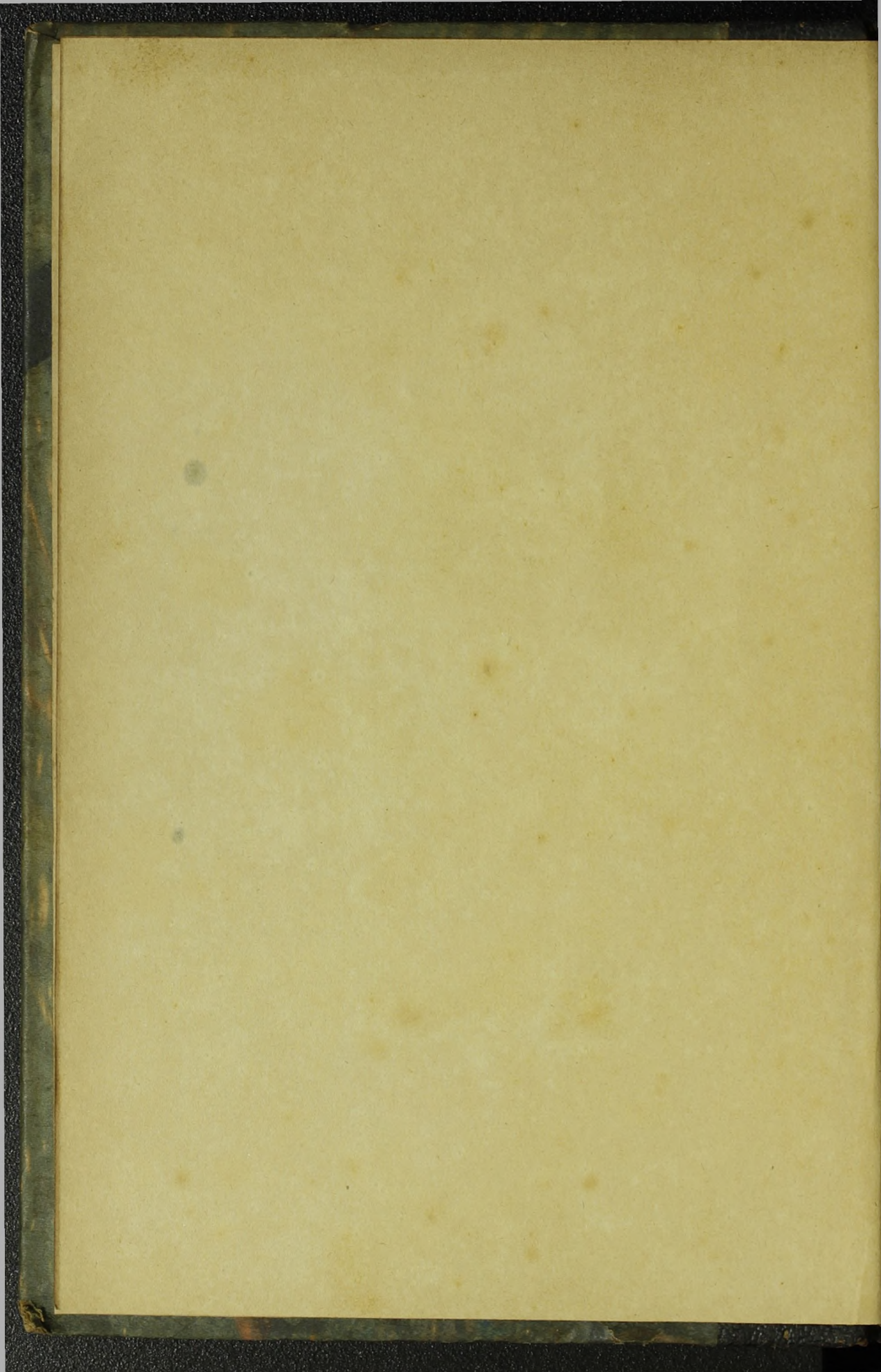
NO LAR



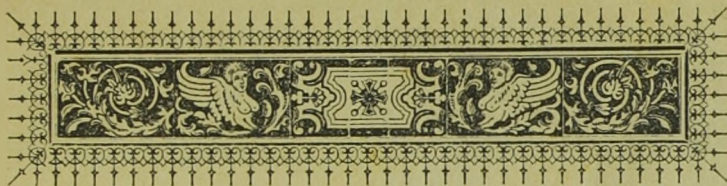
S. PAULO
ESCHOLA TYPOGRAPHICA SALESIANA
1897

BIBLIOTECA MUNICIPAL
«ORIGENES LESSA»

Tombo N° _____
MUSEU LITERARIO



ÀS
MINHAS FILHINHAS
ROSA E MARGARIDA



A' MESA DO CHÁ

I



CONTA-ME, então, como isso foi, —
ordenou-lhe ella, a sorrir.

A occasião era propicia a taes
revelações.

Naquella noite, estavam sós
à mesa do chá.

O silencio da casa era quebrado apenas pelo respiro calmo, tranquillo, das filhinhas, que dormiam na alcova em frente, ou pelo roçar do vento, lá fóra, na folhagem molle das lorangeiras do pateo.

Só de longe em longe se ouvia o rodar soturno de um bond, que se aproximava a pouco e pouco, campainhando cada vez mais forte.

II

— A primeira vez que te vi —sabes?
— foi numa egreja. Era por uma alegre
manhã de domingo. Os sinos, si bem me
lembro, repicavam ainda, sonóros, joviaes,
para a missa conventual, quando transpuz
o vestibulo do templo.

Tinha eu, na vespera, aportado àquel-
las plagas, para mim desconhecidas. Em
busca de quê? Não sei. Talvez da feli-
cidade...

Trazia o coração pungido pela dôr de
me haver separado da familia, para vir
alli, tão longe, grangear o pão da subsis-
tencia.

Com olhos indifferentes, abstracto,
havia corrido todas as ruas.

No emtanto, conseguira fingir que
observava a architectura monotona, incara-
cteristica, dos melhores edificios; affectara,
mesmo, achar bellezas em toda parte, para
fazer suppor que a cidade, por muito bella,
me enchia de impressões gratissimas...
Hypocrisia!

O polvo da duvida — a incerteza do fu-
turo—empolgava-me, aos poucos, o coração.

Só me faltava, naquella inolvidavel manhã, visitar a casa de Deus.

Como viajante de bom gosto, devêra penetrar no santo recinto e admirar, de perto, as bellezas da arte christã. Para isso, contemplaria o templo, desde as pinturas da atrevida abobada até aos mosaicos do pavimento, desde as volutas e capiteis até às bases de inabalavel granito.

Quedar-me-ia, absorto, pensativo, perante os symbolos da mais suggestiva das religiões, e, na esculptura recatada, castamente insinuante, das imagens, aquilataria a esthetica dos levitas que alli sacrificavam.

Mas . . . quando entrei, nuvens brancas de incenso se diluiam, tenues, pela atmosphera mystica do sanctuario. O organ, ferido pôr inspiradas mãos, soluçava compungidamente, derramando pelo espaço dolencias tristes, melancolicas — tão melancolicas e tristes, tão penetrantes e doridas, que mais pareciam prantos feitos accordes, soluços mudados em harmonias . . . E era aquelle o balsamo de que eu necessitava.

Ao limpido tilintar da campainha liturgica, machinalmente curvei os joelhos, e, alheio a tudo o que me cercava, tambem me prostrei alli, em meio á multidão ge-

nuflexa. Mas, eis que volvo para teu lado o olhar abstracto, e... vejo-te ajoelhada junto a mim, livro aberto sob os olhos negros, modestamente ensombrados por veludosos cilios!

Pareceste-me, então, uma daquellas estatuas da esculptura antiga, primores do genio e da arte grega, recolhidas, ha seculos, em longinquo templo pagão...

A tua compostura immovel, concentrada, cheia de unccão e piedade; as tuas vestes, luctuosas, longas, contrastando, admiravelmente, com o alvôr sadio do teu rosto — maravilha de correcção plastica; os teus olhos, escuros, côr da noite, modestamente baixados para o chão; os teus labios, purpureos, côr da aurora, semi-cerrados e immoveis, ou, mui de leve, movidos pelo fervor da prece, que, como incenso do coração, por elles se evolava em direcção ao solio de Deus, — tudo em ti, de relance, me fez achar-te imponente e bella, fascinante, mesmo, como uma daquellas *deusas* tão portentosamente idéadas pela phantasia hellenica e tão genialmente perpetuadas nos marmores da antiguidade.

Não tinhas, alli, a sobranceria audaz, fulminadora, da famosa Venus de Milo:

exhalava-se, antes, do teu vulto humano, mas esculptural, o luminoso effluvio de castidade que parece irradiar-se da pudica Venus de Médicis...

Levantaste-te depois e, á frouxa claridade do templo, á suavissima meia-sombra da nave, mãos em cruz e olhos alçados para o altar, figurou-se-me que eras... não mais uma deusa mythologica, pagã, mas uma santa — uma santa, sim, como aquellas que, erectas, solemnemente meigas, avultavam dentro dos nichos esplendentes...

II

— E que tal me achaste á segunda vez que me viste? — perguntou ella, cada vez mais curiosa, vivamente interessada, levando aos labios a chávena do gostoso liquido.

— Depois, á janella de tua casa, todas as tardes, quando eu passava para te ver, já se havia dissipado aquella atmosphaera de santidade que lá no templo te envolvia. Serias, quando muito, um anjo; mas, ainda assim, um anjo bom, divinamente meigo,

com a expressão de piedade e amor com que a Arte christã figura a Caridade. Vias-me só, sem familia, em terra extranha, orpham daquelles carinhos e confortos que só se encontram no lar paterno, quando ainda se tem mãe e irmãs affectuosas...

Uma noite, casualmente, encontrei-te num salão de baile. Lembras-te? A profusão das luzes, dardejando brilhos por toda parte; a promiscuidade das flores recém-abertas, a rescender perfumes; os sons da musica, alada, etherea, do templo do Prazer, — sons capitosos, inebriantes, como emanações subtis de taças de *champagne*; as scintillações vividas, alegres, dos olhos femininos, — tudo convidava o espirito a desnudar-se de tristezas, para banhar-se alli — como a garça nas aguas crespas de um lago —, nas ondas lúcidas, sonóras, daquella alluvião de alegria...

Passaste por mim, esvoaçando, aligera, no ritornello de uma walsa. De tuas sedosas tranças fluctuava, a esmo, galhardo laço de fita, que similhava as azas leves, ligeiras, de uma phalena, de uma ave, ou... — si o quizeres — de um anjo! De um anjo, sim; mas, não daquelles com que, um dia, sonhara Milton, nas trevas de sua cegueira,

ao idêar o *Paraiso Perdido*; nem, tampouco, como um outro, que Dante phantasiara em febre, ao conceber o inferno da sua *Divina Comedia*. . . Anjo, sim; mas ai! anjo, ao mesmo tempo, do Céu e da terra — mixto sublime de. . . innocencia e tentação.

Approximámo-nos um do outro; travámos logo relações intimas; apertámos, emfim, o laço do nosso affecto.

Mais tarde, quando já eramos noivos — ditosa quadra aquella, em que só viviamos de sonhos, de phantasias douradas, de dulcissimas illusões! — passaste ainda, a meus olhos, por outra metamorphose. . . Já não eras deusa, santa, seraphim, archanjo tentador: parecias-me, antes, um anjo exilado aqui na terra, saudoso da felicidade perdida, e que não regressava ao Céu porque, aos poucos, lhe foram cahindo as azas...

III

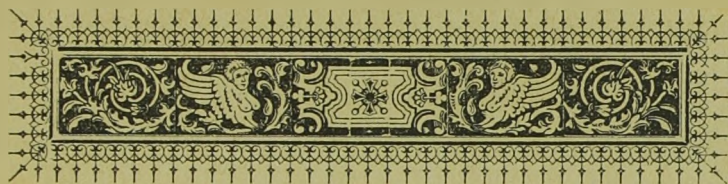
— E agora? que te pareço? . . . — interrogou ella, com certa vivacidade, como que um tanto contrariada com aquellas comparações abstrusas, ao descansar sobre o pires a sua chávêna exhausta.

— Agora, minha boa amiga . . . Queres que t'ò diga com franqueza? Agora . . . és, apenas, uma mulher: — o complemento do meu ser, a minha companheira nas luctas desta vida, a quinhoeira forçada das minhas alegrias e maguas; numa palavra — a minha esposa, a mãe das nossas filhinhas. O casamento — não o sabias? — dissipa quasi toda a poesia do amor.

IV

Nisto, desperta, chorando, um dos louros cherubins que dormiam na alcova em frente. Parte-se o fio do dialogo. Ella, solícita e carinhosa, ergue-se, prestes, para ir ver a filhinha que acordara, e elle, em posição meditativa, consulta, bocejando, o seu relógio de nickel. Era já bem tarde!

Fóra, no quintal, o vento, aspero e rijo, continúa a agitar as folhas das laranjeiras; longe, no silencio calmo da noite, ouve-se agora, outra vez, o tinir limpido, cadente, de um bond retardatario.



GUIDINHA

I



NASCEU num dia triste, chuvoso.
— E' por isso que ella é assim,
tão descorada e *tristinha!* — expli-
cava a mãe.

Dir-se-ia, até, uma figura de
cêra, sem colorido, — prodigio de ceroplas-
tia, com articulações e movimento proprio,
crescendo, vivendo, existindo, em summa,
como um ente organizado.

— Esta criança . . . — segredavam ou-
tros, à socapa, de medo que os paes ouvis-
sem — esta criança. . . não póde durar muito:
si tem já feições de defunctinha! . . . Tam-
bem. . . é só fechar-lhe os olhos, e. . . deital-a
no caixão.

E, de feito, assim era. Guidinha trazia um sello de tristeza ingênita, de predestinação a morrer cedo. Como que era o fructo de um beijo desconsolado e triste dos paes, em horas amarguradas de desconforto da vida . . .

Ninguém augurava bem daquella açucena humana. Mas, emfim, a que attribuir o seu aspecto funebre, merencorio? Minar-lheia o organismo debil um mal indebellavel? Haveria nella, acaso, uma enfermidade latente, hereditaria, oriunda da fraqueza organica dos paes?

Nada confirmava tal hypothese.

A pequenina mammava, dormia, chorava, — numa palavra, satisfazia todas as suas necessidades physiologicas com a maxima regularidade.

Pelo lado dos paes, então, nada se receava: eram ambos válidos, sadios de organismo.

Um bello dia, no banho, Guidinha teve uma syncope. Amorteceram-se-lhe os olhos tristes, côr de azeitona, gyrando, como em paroxismo, nas orbitas; a bocca cerrou-se-lhe, logo, com rigidez cadaverica; arrefeceu-se-lhe o corpo inteiro, cahindo-lhe os membros em mortal abandono.

Que alvoroço em casa naquelle dia!

A mãe, angustiada, afflicta, corria como louca, de um lado para outro, com a filha desfallecida nos braços.

— «Que seria? que não seria?» — inquiriam todos.

O pae, tomado tambem de susto, desfigurado, pallido como um defuncto surgido da sepultura, largou a correr pela rua a fóra, em busca de um medico para a filha.

Felizmente, não foi preciso correr muito: na pharmacia proxima, deu com o facultativo da casa.

Contou-lhe tudo, a arquejar, mui cansado, com o coração latejante de angustia.

O medico, com a sua caracteristica impassibilidade profissional, respondeu-lhe apenas, entre dentes:

— Não ha de ser nada. — E, dirigindo-se ao boticario, pediu-lhe, depressa, vinagre aromatico, sinapismos e... não sei que mais. E accrescentou para o pobre, cada vez mais impaciente, afflicto:

— Vamos, vamos lá ver isso.

E sahiram ambos, quasi a correr...

*

O medico veiu encontrar a enferma semi-morta, olhos fechados, nos braços carinhosos da avò, que, experimentada já nessas surpresas da vida, procurava, com resignação christã, tranquillizar a mãe, desfeita em convulso pranto:

— Não chores, minha filha. Olha: vai em bom tempo. Os anjos não são da terra: são do Céu. Demais, Deus escreve certo por linhas tortas... Quem sabe a sorte que lhe estava reservada? Si eu fosse neste tempo, não passaríamos, hoje, por tamanho golpe...

As duas tias — tambem afflictas na sua ingenuidade bondosa de jovens inexperientes — procuravam vitalizar aquelle corpinho frio, inerte, quasi sem vida, com flannels quentes ou... com fricções de medicamentos caseiros. Coitadas!

∴

O gelido discipulo de Galeno toma o pulso á moribunda; ausculta-lhe o peito debil, quasi exanime; sente-lhe ainda, a espaços, o respiro tenue, longinquo, quasi imperceptivel. E exclama:

— Morta... não está! — E, voltando-se para as tias, inquietas, alvoroçadas:

— Tragam já, depressa, uma escova.

E, humidecendo em vinagre aromatico duas tiras de sinapismo, applica-as logo nas pernas da innocente, frias já como neve; esfrega-lhe, após, o mesmo vinagre nos pulsos; dà-lh'o, por vezes, a cheirar; e espera, emfim, muito attento, como abstracto, observando-lhe todos os movimentos do corpo.

*
* *

D'ahi a pouco, começaram a queimar os sinapismos, maculando de rubro as pernhas niveas da enferma. Sentiu-se, então, naquelle corpinho fragil, semi-morto, um longo estremecimento.

— Bom ! — rosnou o medico. Está salva !
Friccionemos-lhe o corpo com a escova.

E viraram, e moveram, e reviraram, de um lado para outro, aquelle corpinho exanguê, semi-morto, para de novo chamal-o á vida, martyrizando-o com asperas escovadelas !

Graças á dor dos sinapismos, que queimavam como brasas, e ao attrito rispido, brutal, da escova, que açodava o sangue nas veias, — teve a pequenina um outro estremecimento: vergou para trás a cabecinha triste, de passaro ferido; abriu desmesuradamente os olhinhos baços; descerrou a boquinha livida, e por ella soltou um gemido longo, dorido, lancinante, mesmo, desatando logo a chorar.

Guidinha estava salva !

Passaram-n-a para os braços da mãe, que agora, com o coração desafogado de sustos, lhe approximava dos labios o seio formoso e casto.

A principio, a filhinha rejeitou-lhe o peito ou, pelo menos, pareceu não dar por elle.

Depois, cessando de chorar, olhou para os olhos fulgurantes da mãe, e, arquejando, soluçando ainda, começou a mamar de vagarinho, a muito custo, quasi sem se sentir.

— Está salva, minha senhora! — repetiu o medico, com melhor sombra, á mãe, já mais animada e alegre, com os olhos já quasi enxutos de lagrymas. Foi apenas uma syncope, — occasionada, talvez, por algum resfriamento, ao tirarem-n-a do banho.

Agora, muito cuidado com ella: agasalhem-n-a bem, num quarto, e dêem-lhe, de hora em hora, o xarope que vou receitar.

E encheu a lapis, febrilmente, com sua lettra miuda e clara, uma das folhas da carteira. Arrancou-a, e entregou-a ao pae, que — coitado! — só então sahiu do seu angustioso torpor.

II

Guidinha, hoje, não parece a mesma.

Após o inopinado accidente, desenvolveu-se a olhos vistos, engordou, tornou-se corada e alegre, assumiu, emfim, uma apparencia sadia.

E não ha quem se não pasme da sua vivacidade. «Uma resurreição!» — dizem todos.

Em casa, ninguem póde com ella.

Abre o portão do jardim e, mui sorrateiramente, sem que a vejam, foge para casa dos vizinhos; trepa ás cadeiras da sala para tirar as molduras; rasga livros, moldes, jornaes que encontra á mão; risca com um prego a mobilia; arranca o fôrro á parede; quebra louças... — faz verdadeiras diabruras.

Sabe dar beijos de moça e, até, de *velha*; canta, na sua engraçada meia lingua, atrapalhadamente, coplas ou versos de cançonetas; arremeda, com muito chiste, o *bico do vovô*; mette *cucas* ou faz carrancas á irmã; enfim — pinta o *sete*, a *manta*, a *saracura*...

Quando Guidinha desaparece, escondendo-se nos quartos, já se sabe, alguma está ella armando.

De repente, ouve-se um *toc, toc, toc*, arrastado, vagaroso, no corredor.

— Quem será que entra assim, sem pedir licença? — perguntam em casa, e correm a ver o *intruso*.

E' Guidinha, a irrequieta Guidinha, que, sorrindo, com um olhar brejeiro, mostrando os dentinhos niveos, entra, de guarda-sol na mão e enorme chapéo na cabeça, *embarcada...* nas botinas do pae!

*
* *

Tem, às vezes, lembranças impagaveis. Certa occasião, achando um pente, agarrou o gato e quiz, por força, pentear-lhe as barbas. O pacifico bichano rosnou, encolheu-se todo, arrepiou-se, e, por um triz, não lhe finca as unhas.

*
* *

Não é raro, quando fica zangadinha, collocar um dedo sobre os labios e exclamar:— *Olha a cuzuza!*...

Cuzuza é uma pobre coruja agonizante, que os garotos, um dia, por malvadez, arremessaram no fundo do quintal.

Guidinha olhou, admirada, para a ave moribunda, e achou que a infeliz era um bicho muito feio.

E cobrou-lhe, até, certo pavor, depois que em casa lhe contaram, muito a serio, que a coruja *comia gente*.

Por isso é que ella, ás vezes, quando alguma criança a enfada, franze os louros sobrolhosinhos, e assim, com cara de metter medo, ameaça leval-a á *cuzuza*!...

.....

III

Eis o que é hoje a criança debil, valedudinaria, a quem, não ha dois annos, a mãe julgava *tristinha* e pallida por ter nascido, casualmente, em obscuro dia de inverno. Eis a pequenina enfezada, doentia, de quem tanta gente augurava cousas de doer n'alma!...

Findou-se a hybernação. Rompeu-se, alfim, o casulo.

Já não é inerte figura de cêra, animada, apenas, por tenue sopro de vida: é, antes, um *bibelot*, uma estatuêta de *biscuit*, tão esmeradamente acabada, que mais parece, na sua plasticidade, a obra-prima, inspirada, de algum esculptor helleno, carinhosamente colorida pela palêta magica de eximio pintor japonez.

As suas longas madeixas, calidas em caracões sobre os hombros, — louras como gemmas de ovo, macias como fina paina; os seus olhinhos brejeiros, muito vivos, escuros como azeitonas; os seus dentinhos agudos, deseguaes, mui brilhantes e alvos, como que feitos de louça, destacando-se, por isso, pinturescamente, d'entre o rubro dos labios floreatos, — frescos como rosas recém-collidas; as tintas finas, suaves, de suas mimosas faces, de leve purpureadas; o seu portezinho erecto, elegante, flexuoso, a que imprime ineffavel graça a camisa folgada e curta, que mal lhe chega aos joelhos, — tudo, nessa adoravel criança, se entrelaça e se harmoniza, para dar-lhe um quê de primoroso.

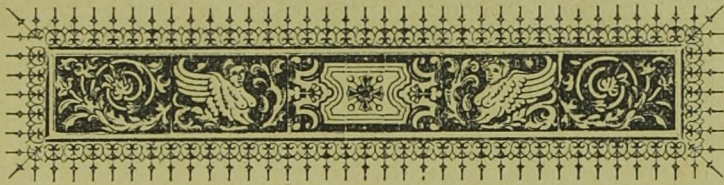
A Natureza tem dessas extravagancias. Dos botões feios, grotescos, de um verde triste e severo, hermeticamente fechados como corações discretos, ciosos de suas maguas, faz irromper, um dia, alacrememente, as rosas gentis e lindas que estrellam, como sorrisos, os campos na primavera.

De entorpecida chrysalida, molle, inerte, sem graça nem belleza, faz rebentar, por fim, gloriosamente, a phalena gracil e trêfega, que — voluvel flor de azas! gracioso

insecto de petalas! — ha de fluctuar a êsmo, no espaço, como fragmento minuscuro de céo azul, primaveril, todo pulverizado do rútilo pollen dos astros...

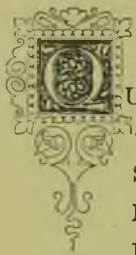
E Guidinha — innocente e bella — é como as rosas do campo, ou, antes, como as phalenas, suas gentis irmãs.





FLOR SYMBOLICA

I



QUERO, papae, quero p'ra mim a flor!
— insistia a pequenina, ao ver alli,
sobre a mesa, uma alvissima ca-
melia, já um tanto maculada nas
petalas.

Elle, que, durante horas, se conservara
abstracto deante daquella flor, não se re-
solvio a dal-a á criança — rosa de sua al-
ma, camelia de seu coração. . .

E retorquiu:

— Não, minha filha, não te dou esta
camelia. Pede-me tudo o que aqui vês: o
gatinho de marmore, a garça de crystal,

a jarra de *biscuit*... Pede-me tudo, tudo, — menos esta flor! Tem ella uma historia que tu, meu anjo, és muito innocente ainda para bem comprehendel-a.

E a menina, voluntariosa e despotica, como todas as crianças na sua idade, põe-se logo a chorar, gritando espalhafatosamente.

II

A mãe, attrahida pelo choro da filha, acode, prestes, a ver o que acontecera.

— Ora! por que não lhe dás a flor? P'ra que ha de servir isto?... Toma, minha filha, toma a *bellezinha*... — E ia a deitar a mão á camelia, quando elle, severizando o semblante, exclama, ao desviar-lhe de leve o braço:

— Não!... não me toques nessa flor! Tem ella, para mim, um valor inestimavel...

Taes palavras enigmaticas, um tanto mysteriosas, atiraram no espirito da esposa a scentelha do despeito, e ahi, subitamente, como batida de impetuoso vento, ergue-se, pela primeira vez, a chamma incendiaria do ciume.

III

— Muito bem! muito bem!... Bonito!... Deu o senhor agora em receber flores e guardal-as aqui, como preciosidades, para sor-ver-lhes, com delicia, o perfume de mimo-sas mãos ... Bem me parecia!... E' por isso, de certo, que hontem á noite, depois que veio, o senhor mostrou-me os bolsos vazios, com-pletamente vazios, recusando-se a contar-me — não sei por quê! — o destino do dinheiro que levara — um terço, quasi, do seu orde-nado! Ha de ter graça, muita graça, que um homem como o senhor, com mulher e filhos para tratar, se metta agora, como tantos outros, em bambochatas nocturnas, gastando á tôa, com *amaveis companhias*, boa parte do que ganha. Ha de ter graça, muita graça!...

— Mas... que é isso?! A que vem toda essa catilinária?!... — interroga elle, devéras surprehendido.

— E' isso mesmo... Quero saber para que lhe serve essa flor, murcha, sem graça, a que o senhor liga tamanho apreço!... Não me dirá?...

O accusado sorri-se com tristeza e, disfarçando a magua que lhe vai n'alma, replica:

— Com o maximo prazer... Não tenho segredos para contigo. Olha: esta flor... ah! esta flor... é um symbolo!...

— Um symbolo?!...

— Sim: um symbolo. E, sinão, escuta-me.

A esposa, já desarmada pela calma serena e nobre do marido, accommoda-se na poltrona com a filha no regaço e, muito curiosa, attenta, seriamente *intrigada*, prepara-se para ouvil-o.

IV

— Esta flor... tem uma historia. Uma historia, sim, mas não aquella que os botanicos attribuem a qualquer flor... Tem uma historia e, dir-te-ei até, encerra uma licção.

— Uma historia... uma licção...?

— Sim. Não foi nenhuma *haydêa* galante do *demi-monde* que com ella me adornou. Estas maculas que a pobre já apresenta, não as produziu o calor febril do seio

estuante desses garridos tortulhos, seducto-
ramente perfidos, crescidos, sinão brotados,
no esterquilinio do vicio. Não! Foram mãos
puras, muito puras, que as colheram.

— Mãos puras ... muito puras ... ?

— Sim. Hontem á noite, passava eu
por um desses pomposos *cafés-concertos*,
tão frequentados, áquella hora, por vagabun-
dos e estroinas.

Alguns musicos ambulantes — tristes
bohemios sem tecto nem familia — gemiam,
nos seus velhos instrumentos, uma walsa
qualquer da moda. A musica attrahiu-me
áquella colmeia humana, onde, á luz lactes-
cente do gaz, enxameava, sussurrando, uma
turba-multa de individuos.

Entrei, e ...

— Ah! adivinho tudo! — atalha a espo-
sa, com pungitiva ironia. Entraste e, muito
naturalmente, veiu-te logo ao encontro,
solicita e lampeira, uma dessas *deidades* que
a Italia ou a França costuma enviar-nos de
lá, para aqui ornamentarem... bordeis.
Compreendo. Foi um desses *anjos puros*,
muito puros, como dizes, que, com amavel
sorriso, te veiu offertar a flor. Bonito!
Edificante!...

— Como te enganas!... — replica o
marido, com a mesma serenidade. Entrei,

e sentei-me a uma das mesas de marmore, em torno às quaes se agglomeram, à noite, certos litteratos da moda, a discutirem, calorosamente, entre libações e bocejos, primazias de escolas ou ... celebridades de palco.

Esperava, distrahido, a chicara de café, que pedira ao criado, quando, de repente, vi duas mãosinhas alvas, muito alvas, branquissimas, como um par de borboletas niveas, a procurarem-me, tremulas, a lapella do casaco. Era uma criança, do tamanho talvez de nossa filha. Sobreçando um açafate de flores, tentava, com olhar súplice, visivelmente medrosa, enfeitar-me — coitadinha! — com esta mesma camelia, então fresca, immaculada, esplendendo á luz opalina e doce que banhava todo o recinto.

O meu primeiro impulso, confesso, foi rejeitar-lhe a flor; mas, depois, attentando na misera criança, lembrei-me... — vê lá que idéa! — lembrei-me de nossa filha. Olha: tinha, talvez, o mesmo porte; emmoluravam-lhe a fronte, assim, umas madeixas de ouro; falcava-lhe dos olhos o mesmo fulgor ingenuo; rebentava-lhe dos labios o mesmo sorriso angelico! E, subito, um turbilhão de idéas conturbou-me o cerebro.

Senti-me revoltado, indignadissimo, contra esses paes abjectos, infamemente ociosos, que expõem ao mundo os fructos ainda puros, intactos, do seu amor. E, rispida-mente, com mal contido azedume, interpello a criança:

— Com que, então, é teu pae o bil-tre que te obriga a vir aqui, todas as noi-tes — tão pequenina ainda! — vender flo-res a estes homens? E' elle quem te força a ouvir, em troca de uns magros nickeis, certas graçolas e chufas que não podes com-prehender ainda? E' elle o monstro que assim te explora a innocencia?!...

E a coitadinha, como que assustada, tremula de espanto, respondeu-me que — « já não tinha pae »! Era a primeira vez que alli apparecia. Aquellas flores, vinha ven-del-as em companhia de outras de sua idade, e... a conselhos da *vizinha*... Não tinha com que comprar remedios para a mãe, doente, desenganada, no fundo de uma cama. E supplicou-me com instância:

— Fique, fique com esta flor! Fique!...

A timidez, o ingenuo acanhamento com que me fallava a infeliz criança, arrefeceu-me a indignação. Chegou, mesmo, a enter-necer-me. E perdi a cabeça! Não me lem-

brei das nossas necessidades. Tirei do bolso todo o dinheiro que tinha; deitei-lh'o nas mãosinhas tremulas; e, por fim, recommendei-lhe a furto, em voz baixa, muito baixa, para que ninguem me ouvisse, como que a avisal-a de um perigo já imminente:

— Toma. Leva este dinheiro a tua mãe. Compra com elle o que fôr necessario, e nunca... — oh! nunca mais! — voltas a este logar perigoso — estufa delecteria, onde as camelias como tu, minha menina, se estiolam cedo para a virtude e, viciosamente, desabrocham para o vicio.

Não sei si me comprehendeu a criança. E' de suppor que não. Olhou-me espantadinha; sorriu-se agradecida; e desapareceu prestes, levipede, quasi a voar, por entre a onda marulhosa de homens, que entrava e sahia, — onda impura, revôlta, em que, desgraçadamente, é mais a parte de lodo que a de agua crystallina...



V

E o marido proseguiu :

— Commetti, de certo, uma imprudencia, talvez uma loucura, em dar assim, sem mais nem menos, àquella desgraçadinha, todo o dinheiro que levava e que, aliás, não era muito. Pouco importa . . . Si algum dia te vires, como a inditosa mãe, viuva e indigente, sem um parente caridoso que te ampare, jazendo p'ra ahi, abandonada no fundo de uma enxerga, mortalmente prostrada pela molestia e mais (quem sabe ?) pela miseria, — que dor d'alma não sentirás, ao seres obrigada a consentir que a nossa querida filha — tão gentil e tão mimosa! — vá, à noite, a *cafés-concertos* negociar flores, mesmo em companhia de outras! . . . Que magua, para teu coração de mãe, prever que ella — o nosso adorado cherubim — alli perderá, bem cedo, o escudo poderoso que torna a mulher forte e que a defende dos baldões do mundo — o pudor; e, primeiro, venderá flores, depois sorrisos, mais logo beijos. e, por ultimo. . . Tu bem me comprehendes.

Oh! não! não foi perdido o dinheiro que dei à misera criança. Quem dá aos pobres . . . empresta a Deus.

VI

A esposa, commovida, emmudecera. Nada respondia. E' que, com a rapidez do relampago, e como no fundo de uma lanterna magica, se lhe deslisava, no espirito, toda a pungente historia dessas desprotegidas crianças, a quem a abjecção dos paes, ou, não raro, a penuria das mães, fôrça a vender camelias por ahi, no mephitico ambiente de certos logares publicos.

Houve entre ambos um desses silencios plumbeos, esmagadoramente pesados, em que, às vezes, nos cerebros, se opéra dolorosa gestação de idéas.

A' mãe, já se lhe figurava, naquelle instante, ver tambem num *café-concerto*, — ao queixoso modular da musica, á luz opalescente do gaz, ao enxamear febril da multidão — o lirio santo de sua alma vendendo flores, prodigalizando sorrisos, aprazando beijos... E reconheceu, emfim, a inermidade da mulher perante as vicissitudes da vida!

Então, profundamente abstracta, concentrada em si, volve os lindos olhos castanhos para a filha, que já lhe dormia ao collo, sonhando — quem sabe? — cousas

do Céu. Imprime-lhe um beijo nos labios frescos, puríssimos; e, arrancando d'alma um suspiro longo, dorido, exclama, como que alheia a tudo quanto a cercava:

— Coitada de minha filha!...

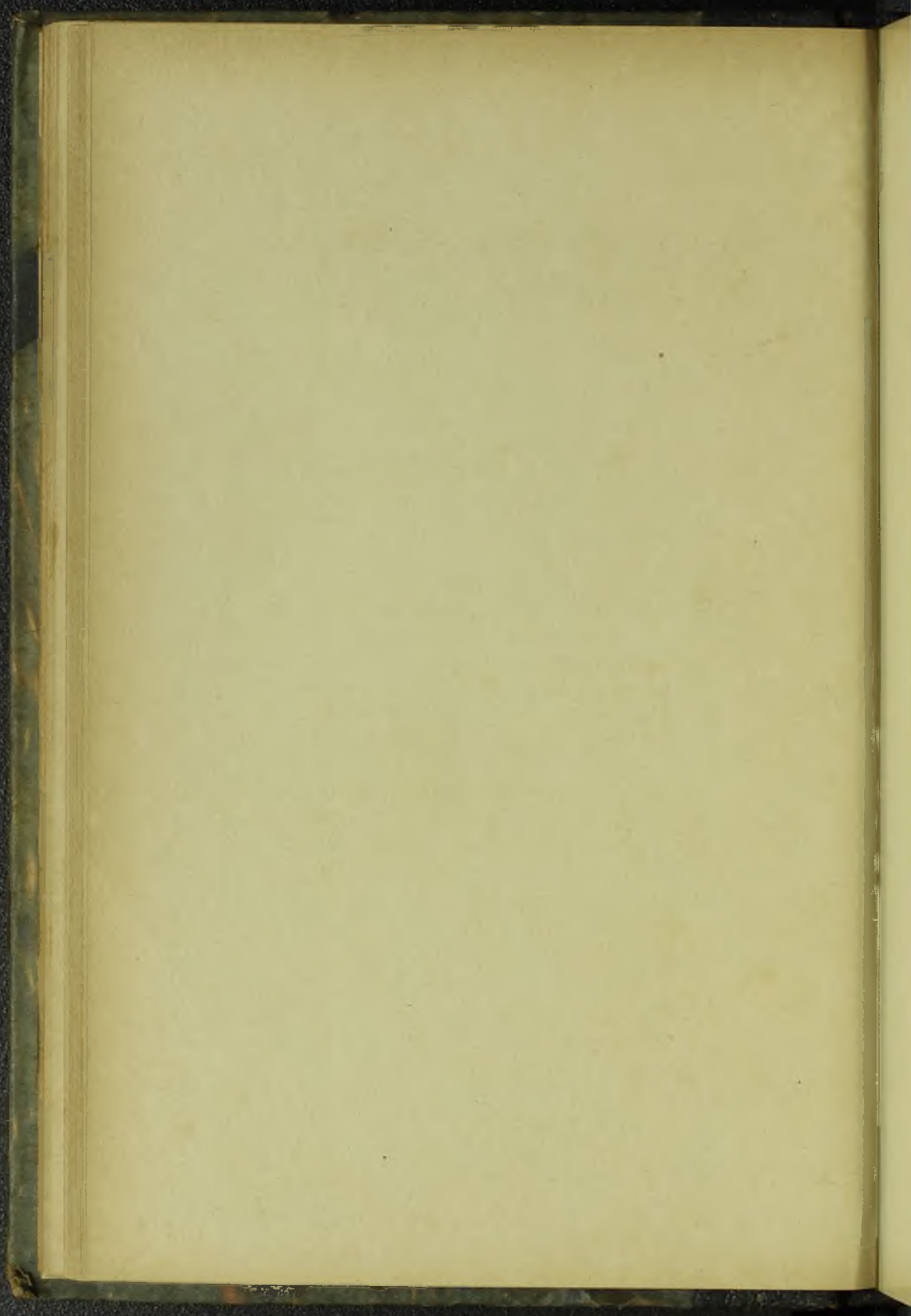
VII

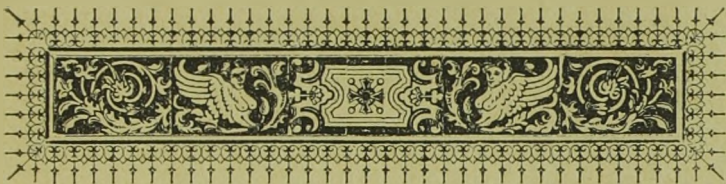
E o marido concluiu:

— Já vês que esta flor é um symbolo. Nada representa melhor a innocencia das crianças que, á noite, por ahi vagueiam vendendo flores.

Camelias melindrosas, mimosissimas, uma vez polluidas pelo bafo impuro do mundo, nunca — oh! nunca mais! — possuirão a candura primitiva.

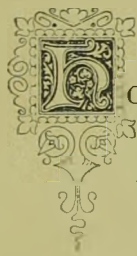






CONTRASTE

I



ONTEM — uma criança ainda! ¶
De vestido curto, fluctuante, a mostrar-lhe o contorno esculptural das pernas, recatadas por compridas meias, saltitava no quintal da casa, como lépida vêspera a trebelhar entre flores.

Trepava ao cimo das goiabeiras virentes, com o cabelo desfeito sobre os hombros; perseguia, á pedra, os patos e as gallinhas; flagellava, com uma vara, os galhos do pecegueiro, que, generosamente, em paga de tanta crueldade, forrava o chão de fructos appetitosos; tocava, com impaciencia, a velha

bomba do pôço, e, a sorrir, trêfegamente, inundava os canteiros proximos; empunhava, por fim, um regador, e alagava com elle as violetas, que a mãe, na vespera, com tanto desvelo para alli mudara.

Dentro de casa, brincava com bonecas — umas *bruxas* de panno muito feias, estapafurdidamente vestidas —, ou martellava no piano, sem compasso, algum exercicio favorito.

Importunava, não raro, a cozinheira com uns acepipes phantasticos, impossiveis, que ella mesma queria fazer; ou balouçava-se a toda a força, desabaladamente, na franjada rêde mineira da sala de jantar.

De manhã, quando o professor de francez vinha dar-lhe a licção do dia, estava ella deitada ainda, e bem a gosto!

As vezes, erguia-se de golpe, vestia-se num átomo, e, faceira, alegre, corria a ler-lhe os trechos estudados. Outras vezes, deixava-se ficar na cama, envôlta nos cobertores, e só depois de exgottada a hora é que se ia levantando com todo o seu vagar...

E quantas vezes, mesmo, não cobria a cabeça, simulando dormir á solta, e enfurecia-se com a mãe, si a bôa senhora lhe observava, com palavras meigas, carinhosas, que eram já horas de levantar-se, e que o professor, desde muito, a estava esperando na sala!

..

Ao dar qualquer licção mal sabida é que mostrava a impaciencia, a singular volubilidade de seu genio. Ou lia tudo ás pressas, atabalhoadamente, saltando por palavras, virgulas e pontos; ou balbuciava lentamente, quasi lettra por lettra, a pagina estudada.

Ora trazia uma escripta bonita, muito limpa, elegante; ora não trazia escripta alguma, — e, si acaso a apresentava, era um mappa de garranchos e borrões...

Si a mãe, então, a reprehendia por não ser cuidadosa ou applicada — santo Breve da marca! —, irritava-se, gritava, batia o pé, chorava e desandava, por ultimo, em tremenda catilinária.

Uma vespazinha interessante e caprichosa!

II

Hoje, porém, após um anno de estudo, opéra-se nella visivel metamorphose.

Vêmol-a já de vestido longo, roçagante, a cobrir-lhe a ponta dos sapatos de marroquim. Falla e conversa com seriedade; é attenciosa, affavel; distingue-se, até, por um quê de sensato e de elegante.

Ao pôr do sol, quando a luz crepuscular se dilue em tenuissima penumbra, para mudar-se, em breve, nas primeiras sombras da noite, é bello vê-la à janella que deita para o quintal — muda testemunha de sua irrequieta infancia — com um livro aberto sob os olhos doces, lendo attentamente a lição do dia seguinte.

A claridade dolente do dia, que exhala, por assim dizer, o seu ultimo suspiro de luz, vem dar-lhe ao busto, correcto e opulento, uma seductora suavidade de contornos, e ao rosto moreno-claro, um tanto infantil ainda, a sympathica expressão da menina que se faz moça.

Della poderemos dizer com o poeta:

Hoje é mais que uma menina
E menos que uma mulher,
— Pois desabrocha-lhe esplendida,
Entre douradas chimeras,
Flôr de quinze primaveras
Nos labios de rosiclér.



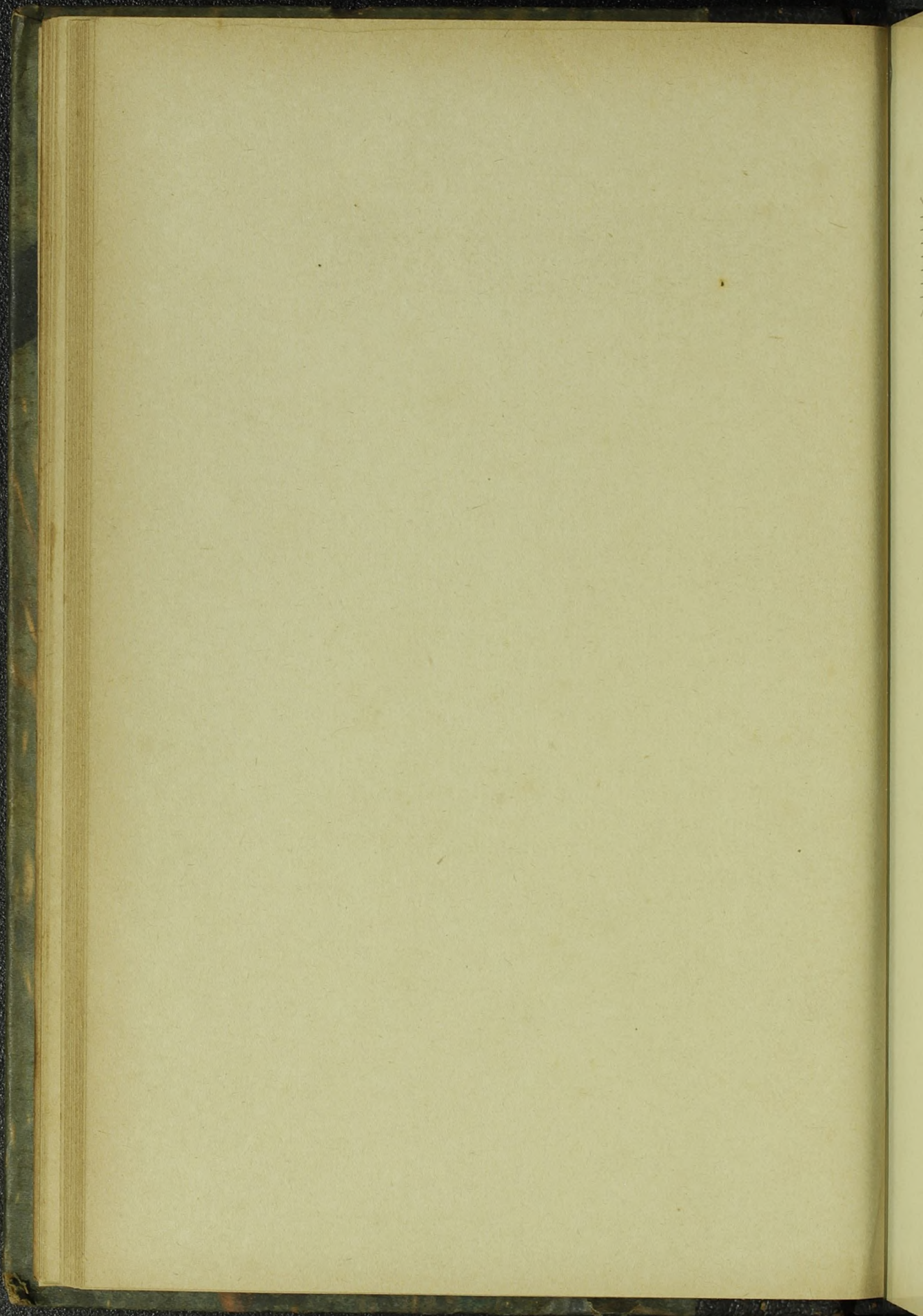
Para mim, entretanto, o que mais me fere a attenção não é isso: é a admiravel metamorphose do seu espirito.

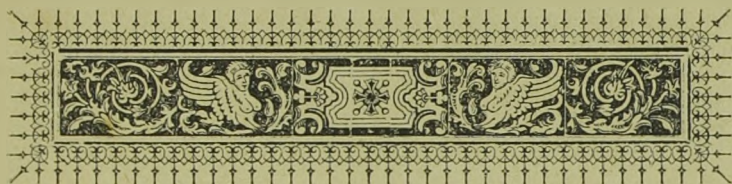
Que é d'aquelles modos rispídos, violentos, — d'aquelle irrequietismo brusco, pueril, — d'aquella indolencia pertinaz, toda acintosa, — d'aquella volubidade de borboleta?

Tudo desapareceu, aos poucos, num collegio de *Irmãs*, onde estuda.

A atmospherá de piedade que alli respira pacificou-lhe o espirito versatil, fecundou-lhe o coração inculto, fazendo-o desabrochar, emfim, para os nobres sentimentos.

De travêssô diabrete que era, tornou-se um anjo — todo meiguice e bondade.





VANDALISMO!

I

Não ha outro recurso. Sua filhinha está soffrendo de uma *otite*. Precisamos combater, quanto antes, a erupção cutanea que se lhe vai alastrando pela cabeça: pode sobrevir-lhe uma *meningite* e... ser fatal o resultado.

Estas palavras, ditas em tom de oraculo, fria e severamente, pelo medico, cahiam, no emtanto, como gottas candentes, corrosivas, sobre a alma consternada dos progenitores.

— Mas... doutor... reflecta bem!... Quem sabe si ha outro meio?... Lavatorios, tres ou quatro vezes ao dia, com aquelle

medicamento que, ainda hontem, o senhor receitou... — retorquiu, timidamente, a afflicta mãe, afagando, com amor, as madeixas flavas da pequenina enferma.

— Não ha, mesmo, outro recurso: o unico meio é este, minha senhora. Corte-lhe bem rentinho o cabello, e logo, o mais breve que lhe fôr possível, para o curativo produzir effeito. — E, acto continuo, erguendo-se da cadeira, o medico metteu, de novo, entre os dentes o seu oloroso havana, e cortezmente se despediu, sahindo rapido, lampeiro, para o carro postado á porta.

II

— Cortar-lhe o cabello rente, *à escovinha*... Oh! isso nunca! — Agora que está tão crespo, tão cacheado... Hei de fazer o curativo com proveito, mas... sem essa barbaridade! — exclamou a mãe, com a voz oppressa pela emoção e os olhos languens, maguados, a transbordarem de lagrymas.

O pae, o mais gravemente que pôde, disfarçando ingente pena, ponderou que o medico tinha razão: sem a tosa completa do cabello, como se poderia fazer bom curativo? E — era preciso notar-se — muitas crianças haviam já succumbido, na mesma idade, por simples desvio das prescripções do medico. Demais, aquellas madeixas flavas, tão bellas, tão mimosas, — doces ao tacto como o arminho, rútilas á luz como fios de ouro — eram *bens de raiz*: dentro em pouco renasceriam e — quem sabe? — talvez mais lindas que d'antes.

A mãe, que, havia já tres mezes, dia e noite tremia pela existencia da filha — um debil anjinho de dois annos — fitou os olhos, com ineffavel tristeza, na aurea cabelleira crespa da enferma, permanecendo muda, acabrunhada, por alguns instantes. Por ultimo, gelidamente calma, resignada, preparou-se para a vandálica operação.

III

O pae não quiz assistir ao sacrilegio. Afastou-se para o escriptorio, occultando assim, discretamente, a magua que lhe ia

esmagando o coração. Lá, porém, posto que a distancia, chegava-lhe o retinir sonoro da tesoura, repercutindo, doloridamente, no mais fundo recesso de sua alma. Era, devêras, uma crueldade, um *vandalismo!* — reflectia elle, soturnamente recolhido, meio debruçado á mesa, com um livro aberto ante os olhos humidos e a fronte apoiada sobre a dextra.

O ruido limpido, metallico, tintinante, da tesoura — lugubre aos seus ouvidos — cessou, emfim.

A atroz operação terminára.

IV

Imagine-se, agora, a rude, a brutal decepção que assaltou o pae, ao ver a cabeça angelica da filhinha — minutos antes aureolada por fulvos e refulgentes anneis das mais formosas madeixas — convertida, de um instante para outro, inexoravelmente, em... -- nem sei como diga — em uma túbera escalavrada... em ulcerosa cucúrbita!...

.....
.....

V

O tratamento do medico foi acertado. Dentro em vinte dias a erupção cutanea cedeu, a *otite* diminuiu e... a *meningite*, felizmente, não sobreveiu.

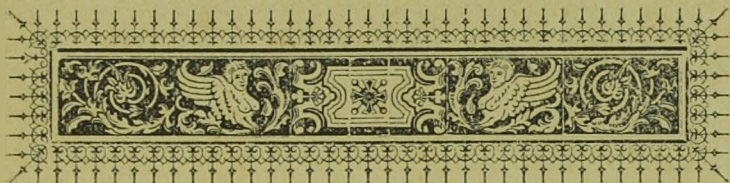
VI

Seis mezes são já passados e os taes *bens de raiz* não renasceram! Vieram outros, é certo, porém lisos, corredios, menos louros e mais espessos, até, que os primeiros.

Por isso, hoje, a desvelada mãe é ás vezes surprehendida a sós, em vaga abstracção, cheia de magua, contemplando — como legado de um morto querido — a primitiva cabelleira fulva da gentil filhinha.

E é então que uma lagryma purissima, *crystallina*, tremeluzente, lhe baila á sombra dos cilios negros.

—
Coração de mãe! coração de ouro!...



RELIQUIAS

I

As janellas da alcova estão abertas. Entra por ellas, em ondas mansas, a luz sorridente e alegre de loura manhã de agosto.

A mãe, ao fallar do seu Alfredo, interrompe-se por instantes, com a voz embargada pela emoção. E pergunta áquelles que a escutam:

— Querem ver? Esperem...

Erguendo-se, vai direito á gaveta de um movel, e della tira um objecto.

— Olhem... — accrescenta, com desmaiado sorriso. Faz quasi vinte annos que guardo *isto*.

Era uma caixinha amarella, quadrangular, atada em cruz por estreita fitinha azul.

Na tampa, lia-se, em caracteres femininos, já desbotados:

«18 de março de 1876»

II

Aguça-se a curiosidade dos circumstantes.

Que encerraria a caixinha mysteriosa, tantos annos alli guardada, num recêso obscuro da gaveta? Que extranhas surpresas conteria?...

.....

III

A mãe, com semblante cada vez mais triste, abre o curioso receptaculo, e delle vai tirando:

Uma camisinha de chita amarella, com grandes pintas azues, redondas;

Um lenço de finissima cambraia, todo manchado de rôxo;

Duas pequenas fitas de seda, muito brancas;

Uma chavinha de prata, sem brilho, já embaçada pelo tempo.

IV

— Faz quasi vinte annos que guardo isto!... — repete a infeliz senhora, em cujos olhos maguados, crystallinamente azues, se espraia indiscreta lagryma.

E, com certa ingenuidade, prosegue:

— Vocês, quando eu morrer, hão de pôr isto em meu caixão — ouviram? —, debaixo da almofada em que, pela ultima vez, tenha eu de descansar a cabeça. Lá, no outro mundo, quero mostrar a meu filho que, nesta vida, tão cheia de soffrimentos, não passo um unico dia sem delle me recordar com saudade...

E desata a chorar torrentuosamente.

.....

.....

V

Aberta a valvula do coração, por onde o pranto, em bagas, lhe corrêra para o rosto, o seio convulso, tumultuoso, deixa de arfar com ruido, — bem que repuxado ainda, de longe em longe, por fundos e lacerantes soluços.

Amainara a tempestade que, de subito, se lhe desencadeara n' alma, emquanto lá fóra a Natureza — ditosa mãe! — sorria por toda a parte: — pelas serras, pelas mattas, pelas varzeas viridentes...

Ironia atroz!

VI

Reconquistada a serenidade, refere a mãe, por miudo, toda a pungente historia das suas reliquias.

Era aquella a camisinha que elle, o seu Alfredo, mais queria. E, si lhe indagavam por quê, o pequenino invariavelmente explicava:

— E' porque é da côr dos cabellos e dos olhos de mamãe.

No dia em que morreu, elle pedira que lh'a vestissem; mas, ai! poucos momentos depois vinham-lhe vomitos negros, e... — como escorias de um tinteiro exausto — derramavam-se-lhe pelo peito, maculando-lhe a veste predilecta.

Com que tristeza, então, olhando tão feias manchas, o pequeno moribundo exclamou para a mãe: — «Sujei minha camisinha bonita»!...

..

O lenço de cambraia, ennodado de rôxo, era o mesmo que, embebido em vinagre, lhe haviam applicado às faces, quando, já cadaver, lhe assomavam manchas violaceas pelo rosto — ultimos vestigios da febre que o matára.

..

As duas fitinhas de seda, brancas, muito brancas, eram as mesmas com que ella, a do-rida mãe, lhe amarrara os pés e as mãos, depois de o terem vestido para a viagem eterna.

A pequena chave de prata, desluzida pelos annos, era a mesma que fechara o anjo louro, para sempre, no funereo barco que o devêra reconduzir ao porto da Eternidade!...

VII

Narrada a historia das suas reliquias, a infeliz senhora guardou-as, uma a uma, na mesma caixinha mysteriosa; e, de novo debulhada em lagrymas, foi leval-as ao esconderijo, onde — havia já dezenove annos! — com tanto amor as guardava.

.....
.....

Deus modelou em ouro o coração das mães. Fez d'elle um relicario santo, onde a Saudade —carinhoso burilador! — insculpe, a traços inapagaveis, a imagem meiga dos filhos que se foram.



DOIS ANNOS!



Dois annos! Dois annos só!

E' nessa idade que, em o
nosso paiz meridional, mais inte-
ressantes se tornam as crianças.

Em parallelo com o evolver dos
membros locomotores, desabrocha-lhes o
espirito, innocente, candido, como impolluto
lirio ás vibrações suaves da luz da madrugada.

O melindroso entezinho, que, com cari-
nho affectuoso, com desvelo paternal, conche-
gavamos ao peito, acudindo-lhe, prestes, ás
primeiras necessidades — puramente animaes
ou physiologicas, reveladas, apenas, pelo
instincto da conservação — passa, em tal

idade, por admiravel metamorphose: manifesta por gritos, por simples monosyllabos, por vocabulos truncados (ou a custo balbuciados, mas, ainda assim, emittidos com certo nexos), o desenvolver-se gradativo da vida psychologica.

A galante creatura que, functionalmente, não passava, até então, de inerme animalzinho, cujas volições ou sensações, ainda mal externadas, só se traduziam por prantos ou sorrisos, por lagrymas ou gestos, começa a *ter idéas*, a ligal-as... principia já a pensar.

A pouco e pouco, a alma desse entezinho debil — lucida, vivaz phalena, entorpecida, até ahí, no lethargo da *perimorphose* — vai já rompendo, entre apraziveis surpresas para todos, a nebulosa *chrysalida* que a envolve ainda.

E como sôam meigas, cheias de mago encanto, sempre surprehendentes ao coração dos paes, aquellas graciosas interjecções, aquellas curiosas onomatopéas! E' para elles — felizes! — uma scintilla vivida de sua alma, que alli se reaccende e anima!

Após o labor quotidiano, nos armisticios da lucta pela vida, quando o coração e o espirito carecem repousar—este, dos esforços da faina intellectual; aquelle, dos embates de acerbas desillusões — é doce, consolador, para quem já não é celibatario, achar em casa um entezinho amado que, jocundo, lhe venha ao encontro, ou que, do berço, lhe extenda os bracinhos tenros, delicados, preferindo, entre festivas explosões de jubilo, o santo nome de pae !

Para, através das maguas da existencia, fruirmos tão ineffavel ventura, é que, ás vezes, junto ao berço de um filhinho doente, passamos noites mal dormidas, salteados, sempre, de receios cruciantes. Para lhe vermos, em breve, restituida a saúde, é que, em taes crises de soffrimento moral, contamos, sem a minima discrepancia, rigorosamente, as horas, minutos e segundos, applicando, com maxima pontualidade, o *mirifico* remedio, que, si mais não faz, nos alenta, pelo menos, com ridente esperanza de triumpho.

E não nos poupamos, então, a sacrificios; não olhamos, mesmo, a despesas ex-

traordinarias, por maiores que a outros se figurem. Se necessario fosse, de bom grado cedêramos tudo quanto no mundo possuimos — até a vida — para subtrahirmos à Morte o entezinho debil, indefeso — moribundo pedaço de nossa alma!

E, si á despotica fatalidade, por suprema desdita nossa, apraz roubar-nos, por fim, a alegria do nosso lar, o encanto dos nossos dias, o pretexto unico do nosso existir na terra, inundamos de agro e dorido pranto o funereo berço, tão cedo mudado em esquife! Em desesperada afflicção, beijamos o cadaver livido, inanimado, da nossa rósea esperança, do nosso gentil amor; mas, ai! — e é esta uma lei da vida! — acabamos por supplicar ao Tempo, ao grande consolador, o sedativo da resignação!

.....

. . .

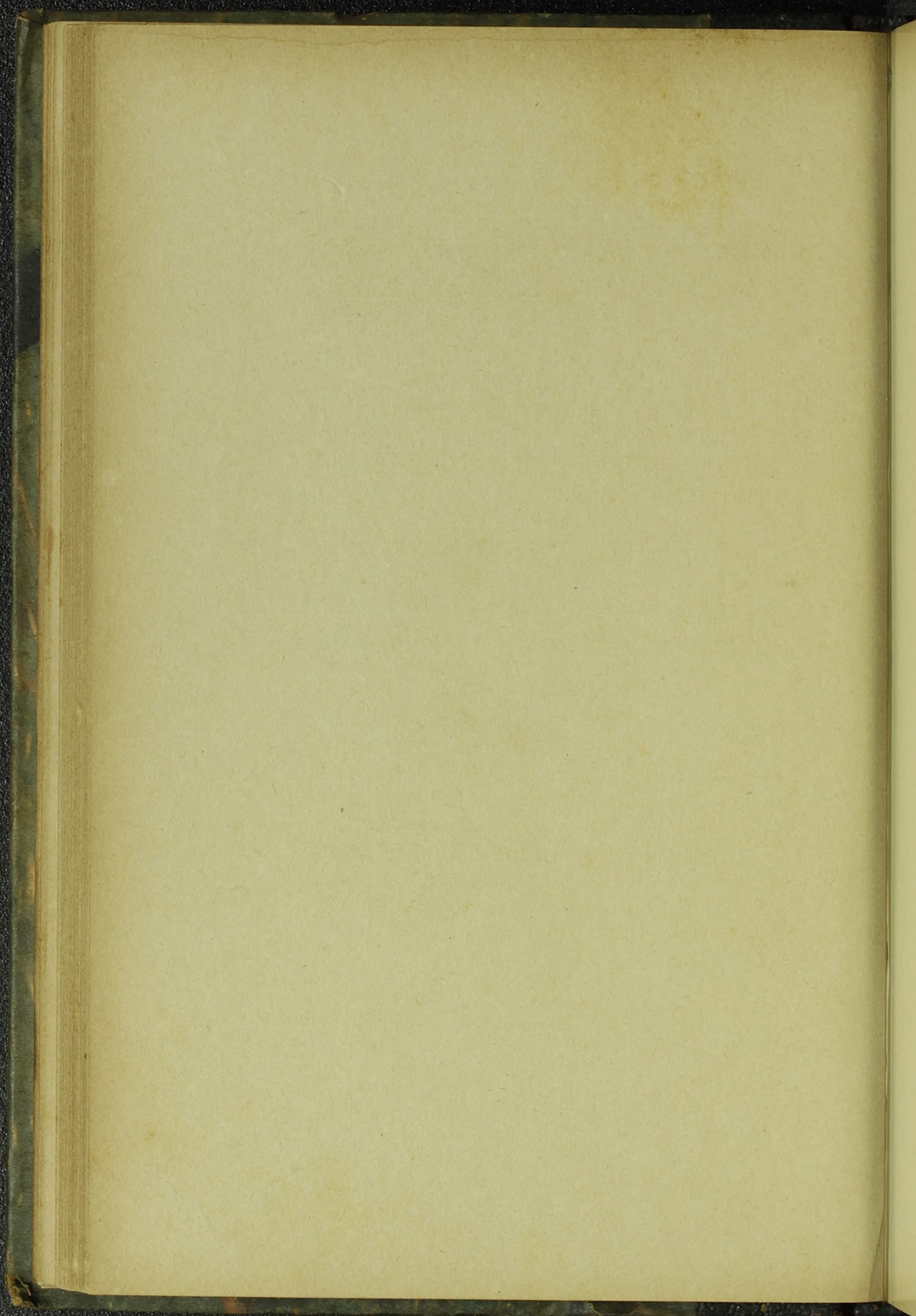
Custa muito a cicatrizar a chaga profundissima, aberta por esse golpe no coração. Custa muito; mas... cicatriza. É que, aos paes, consola-os a crença de que a essencia subtil, imponderavel, que animou

na terra o fructo do seu amor, ascendeu a regiões mais puras, alou-se ao seio de Deus. Lá no Céu — pensam elles —, na revoada alegre dos anjos, melhor estará, por certo, que neste val de miserias, entre as luctas dolorosas de uma existencia ephemera...

E, por isso, nos corações paternos, á tempestade rude da Dôr vem succedendo, aos poucos, lento e lento, a bonança crepuscular da Saudade.

.....

.....





AFFECTO PELO IDEAL

I

HORAS mortas. Todos em casa re-
pousavam. Só elle, em agitada vi-
gilia, sentia dentro do craneo o
borbulhar chaótico de mil idéas.

Era-lhe impossivel conciliar
o somno. Revolviam-se no leito, de um lado
para outro, como si alli, occultamente, ace-
rados espinhos lhe pungissem as carnes.

Que atrozes pensamentos lhe escaldavam
o cerebro? Que ferinos remorsos lhe roiam
a consciencia? Que dolorosos pesares lhe
esmagavam o coração?!...

.....

II

Era quasi meia-noite,— a hora em que as cousas dormem, e só a alma, o ser pensante, vêla ou sonha, trabalhando sempre, incessantemente, no seu mysterioso laboratorio...

Era a hora grave, solemne, em que germinam, sob o denso manto das trevas, no ventre da Natureza, as sementes de vida ou morte, e no cerebro humano — seio vasto, não menos fecundo e úbere — nascem, medram, desabotam, triumphantes, as idéas sinistras ou generosas...

Era tambem a hora dos pesadelos, a hora dos pavores, a hora prestigiosa, fatidica, em que nos cemiterios, sobre as sepulturas rasas, brotam, vaguêam ao sabor do vento e, subito, no lobrego seio da noite, desaparecem os fogos-fatuos — sinistras efflorescencias da morte...

Era a hora em que, tambem no espirito, quer em repouso ou em vigilia, brotam, crescem, desabotoam os sonhos — caprichosas phosphorescencias do imaginar, chimericos fogos-fatuos da vida...

.....
.....

III

Elle, insomne, em crescente agitação, desce do leito. Ausculta o dormir sereno da esposa, cujos cabellos negros, nocturnos, se derramam, copiosos, pelo travesseiro alvissimo. Depois, pé ante pé, vai ao leito das filhinhas, contempla-as, taciturno, e, de leve, conchega-lhes mais o corpo. Por ultimo, dirige-se ao modesto berço onde o filhinho, de um anno apenas, dorme, feliz, o somno da innocencia.

A galante creaturinha sorri-se deliciosamente, como si alli, às occultas, estivesse alguém a fazer-lhe festas. Elle, então, ao vel-a sorrir dormindo, indaga : — Que sonhos pode ter um cerebro tão novo, tão pequenino ainda, a bem dizer de hontem, sem idéas, nem recordações?

E lembra-se de que a velha ama, ao ver sorrir o menino durante o somno, lhe observara, uma feita, muito a serio— que as crianças, naquella idade, quando assim sorriem, sonham que estão no Céu a brincar com os anjos...

IV

Antes de deixar a alcova, lança elle, ainda, um olhar em derredor.

Que paz! que tranquillidade!

A luz lactea da lamparina, illuminando frouxamente os leitos, verte sobre elles uma claridade fria de luar.

O anhelito brando, suave, daquelles entes queridos parece-lhe, até, em tal instante, o respiro flebil das virações do mar, em noites claras de calmaria, ciciando, subtilmente, pelas enxarcias de um navio a salvo, ancorado em bonançoso porto...

V

Como um espectro das horas mortas, lá vai elle agora, envolto num lençol fluctuante, com uma vela accesa na mão, atravessando, manso e manso, o longo corredor da casa. Entra, alfim, num gabinete. Ahi, apenas se ouve, em meio á mudez da noite, o vibrar sonoro de um velho despertador de nickel, pousado, entre livros, sobre a mesa.

Sem ruido, abre elle uma gaveta, tira algumas folhas de almasso, senta-se, e assim, com ares espectraes, mysteriosos, põe-se a escrever.

Por espaço, talvez, de meia hora, só se ouviu, naquelle remansoso ambito, o pulsar continuo do relógio e o ranger intercadente da penna, galopando, célere, sobre o papel.

No outro dia, a furto, indiscretos olhos leram isto :

Tratando de insigne escriptor ha pouco fallecido, disse um chronista brasileiro :

« Uma pessoa pode ser amiga — mas amiga devéras — de outra que nunca viu e a quem nunca fallou. »

Tal era o phenomeno que se dava com o chronista, ao lêr os magistraes artigos do illustre morto.

Isto, aliás, nada encerra de extraordinario : somos todos naturalmente inclinados a prezar o valor, o talento ou a virtude, onde quer que se nos revelem. E essa amisade, a bem dizer platónica, não se limita sómente aos vivos : estende-se, tambem, áquelles que, através das sombras do tumulo, passaram já para as resplandescencias da Historia. . .

E, de feito, quem se não sentirá reconhecido aos que generosamente combatem, ou já combateram, pela felicidade de um povo ou de uma raça ? Quem não será grato aos que, laboriosos, opulentam o erario das bellas-lettras, das artes ou das sciencias ?

É, pois, instinctivo esse bem-querer : funda-se na realidade. Mais de notar, porém, se me figura o affecto que,

algumas vezes, tomamos por personagens phantasticos, imaginarios, de romances ou tragedias celebres.

Os vultos shakespeareianos de Desdémona ou de Ophelia fizeram (e fazem ainda) palpitar de terna sympathia a muito coração sensível; os perfis, ultra-romanticos, de Paulo e de Virginia, de Atala e de Graziella, ainda hoje povoam de sonhos a muita cabecinha bonita... E' o affecto pelo intangível, pelo impalpável, pelo *ideal*, emfim!

E que abominável não fôra a vida si, entre as suas agruras de Sahara, não gottejasse ao menos o orvalho do *ideal*, para fazer da Arte um *oasis* de consolação e repouso!...

...

Essa affeição irresistível, inevitável quasi, tenho-a sentido, desde hontem, por soror Philomena.

— Mas... quem é Soror Philomena? — perguntar-me-ão.

Soror Philomena ou, antes, *Sœur Philomène*, é a principal figura das que se agitam vívidas, luminosas, vibrantes de realidade, nas paginas admiráveis de um livro dos Goncourt.

O Naturalismo que, sem embargo de lamentáveis desmandos, é ainda o maior documento de progresso da litteratura deste seculo, devêra exhibir sempre, de preferencia, typos sympathicos como esse. Far-nos-ia amar a vida real, a vida de todos os dias, embalando-nos, não raro, na doce e consoladora illusão de que, em summa, a humanidade não é tão má como parece... E para tanto, creio, não lhe fôra mister descambar a miude do verosimil para o maravilhoso, nem, como é seu vezo, para o hediondo... Nos limites do commum, na esphera do racional, melhor pudêra expandir-se.

...

A impressão de nausea, de repugnancia, de invencível nojo — deixem-me assim dizer — que, vai para sete annos,

me deixou n'alma a *Naná* de Zola — esse typo repellente de mulher perversa — foi-me agora compensada, e com vantagem, pela enternecida affeição que me inspirou Soror Philomena — o protótypo das irmãs de Caridade.

E os Goncourt — bem o sei — com serem, na austera opinião de Lemaître, dominados pela «paixão do moderno», não vieram, nesse romance, desdobrar uma these nova, um assumpto inexplorado. Identificados com a essencia do proprio Naturalismo, apresentam-nos, ahi, felizmente, a regra em vez da excepção.

E' que as *sœurs Philomène*, mercê de Deus, não são tão raras como se pensa: são-n-o todos, ou quasi todos, esses archanjos amovaveis, de formas femininas, que divagam como exilados na terra, derramando, carinhosamente, sobre os soffrimentos humanos, o balsamo santo da caridade.

E' quasi meia-noite á hora em que escrevo. Em casa já todos dormem. Repouso absoluto.

Commigo, só parece velar, paciente, um velho despertador, pousado sobre a mesa, em frente aos meus olhos secos, insomnes, palpitando sonoramente, cadenciadamente, como um coração de nickel no seio do silencio...

Era, decerto, em meio de uma quietação assim que Soror Philomena, leve, subtil, etherea,—qual si tivera as azas de um anjo — percorria, por noite alta, as longas filas de leitos do hospital. Era talvez assim que ella — a doce irmã dos afflictos — velava a sós, incansavel, acudindo prestes aonde quer que a chamassem — ou para alliviar um corpo, ou para confortar uma alma.

Agora, neste silencio evocativo, affluem-me lucidamente ao espirito todos os actos de abnegação evangelica d'essa mulher sublime. E tudo se me avulta no cerebro — palpitante,

vivo, com um relevo tão nitido e flagrante, qual si ahí estivesse o theatro da realidade.

E lembra-me a infancia de Soror Philomena — a parte mais ampliada do livro e, sem duvida, um prodigio de observação. Recordo-me claramente — qual si com ella tivesse convivido — de certas scenas frisantes, caracteristicas, do seu viver. Vejo-a prostrada aqui, ao pé de mim, entre um circulo enorme de enfermas, ante um altar accesso, impetrando a Jesus e a Maria, compungidamente, saúde para aquelles corpos, salvação para aquellas almas.

«A sua voz — descreve-a, pinturescamente, a penna magica dos Goncourt — a sua voz eleva-se no seio do silencio; desprende-se para a abobada com uma vibração penetrante, num tom docemente agudo, numa especie de cantilena.

«E' uma voz insinuante, cadenciada, pura como um timbre de crystal, tenue e clara como uma recitação de criança, virginal e fresca como um canto de passaro: uma voz semelhante á alma de um instrumento e que parece derramar a oração que diz».

E, pelas arcadas silenciosas do... meu cerebro, reboam, com uma assonancia de verdade, esse côro debil, cansado, das doentes: — «*Nossa Senhora dos enfermos! tende piedade de nós! Rogae por nós peccadoras, agora e na hora da nossa morte...*» E, por entre os *amen* retardados, cahidos de cada bocca, ouço distinctamente as blasphemias horrorosas, o vasquejar delirante de Romana, a messalina impenitente, que estrebucha em seu grãbato de morte. E de novo se ergue para o Céu aquella voz bemdita — limpida, serena — recomeçando, pela nona vez, o *Padre Nosso*, a *Ave Maria*, o *Credo*, a *Confissão*, «com uma ternura tão suave, uma doçura tão commovida, um tal accento de piedade e caricia» que até parece «um anjo da guarda acalentando uma agonia»...

Soror Philomena não morre no fim do livro. E' que ella é um symbolo... Personifica a abnegação christã, o ignorado

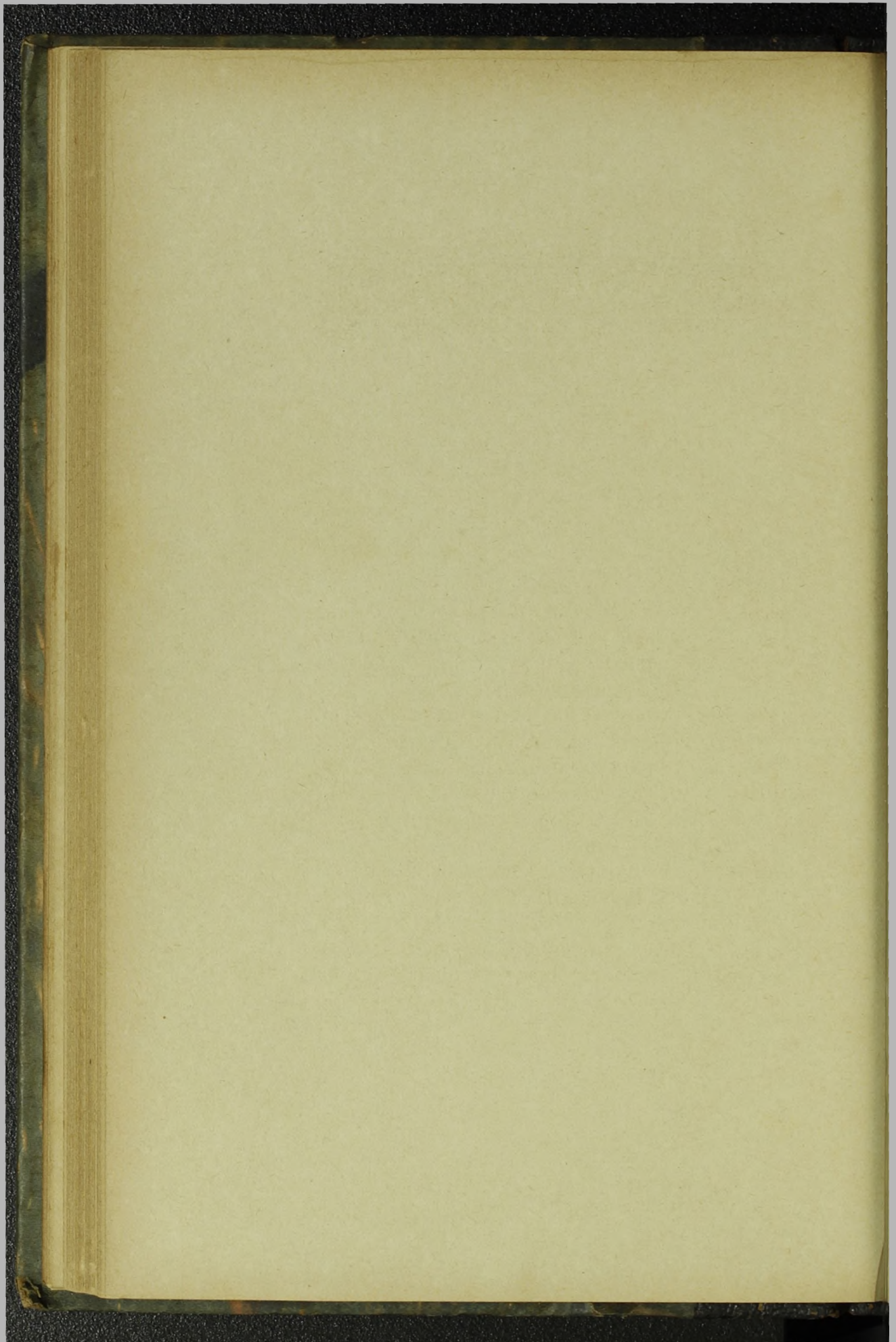
e, não raras vezes, calumniado heroismo dessas mulheres sublimes, que tudo abandonam no mundo para bem cumprirem a sua missão celeste.

Deixem-me, pois, em nome da humanidade que sofre, estimar, amar, querer bem a essa figura idéal, mas verdadeira!

Si algum dia, em terra estranha, distante da familia, a desgraça me arrojear, moribundo, a um catre de hospital, praça a Deus enviar-me Soror Philomena para junto do meu leito de angustia, como o fez com Barnier, o mallogrado estudante.

Prodigalize-me ella, tambem, na hora extrema, com o seu desvelo de irmã affectuosa, os derradeiros cuidados da caridade christã, e assim, em parte ao menos, me compense a dolorosa ausencia dos entes que me são caros.

E quando, alta noite, na quietação funerea do meu quarto de morto, só se ouvir, como agora, o soluçar metallico de um relógio e o estalido secco das velas mortuarias; quando, sobre mim, tal qual sobre o infeliz mancebo, o meu ultimo lençol desenhara, « com a inflexibilidade de uma eterna linha », a algida rigidez de um cadaver, subindo-me, « das extremidades dos pés á aresta do perfil penetrante », — esteja ainda Soror Philomena ao pé de mim, de joelhos, com o habito immovel como o meu lençol, a orar, serena, abstracta, inflexivel, « como oram as estatuas de egreja, ajoelhadas no frio marmore. »





“DANDY”

I



ESTAVAM casadinhos de fresco. A vida, naquelle tempo, corria-lhes placida, serena, sem uma nuvem, siquer, a empannar-lhes a felicidade. Nada lhes faltava.

Essa ventura, no emtanto, já lhes parecia monotona, cansativa... A's vezes, em horas de expansão, exclamava um delles, absorto em roseas phantasias:

— Ah! si tivéssemos um filhinho!...

E' que já despontava entre elles a necessidade de um novo laço, mais duradouro e forte, que lhes vinculasse para sempre o mutuo affecto.

Os corações conjugaes, quando ditosos, são assim mesmo: duas conchas de uma

balança, cada qual com o mesmo peso. Todavia, sem *um fiel* entre ambas, jámais haverá equilibrio estavel...

II

Esse *fiel* foi, para elles, a principio, um cãozinho mimoso, de cesta de costura, que lhes haviam dado para *guarda do quintal*.

Que alegria, que festa, quando o galante animalzinho lhes entrou em casa, sacacoteando entre elles, com o pello de sêda a rutilar, a colleira de prata a reluzir, os olhinhos de fogo a chammejarem, vividos, como duas brasas!

Deram-lhe o melhor abrigo. Ella, radiante e carinhosa, mandou logo comprar flannels para o fazer dormir, todas as noites, á beira do seu leito. Elle, com o affectuoso empenho com que um pae adquire um gorro, um adereço ou um par de sapatos para o primeiro filho, apressou-se em comprar, para o cãozinho, uma colleira mais galante, mais graciosa e, até, mais cara do que aquella.

Era justa a alegria de ambos. Como os casaes estereis, a quem o Céu nunca favoreceu com um filho para provação e consolo, tinham agora—posto que de ordem diversa na escala zoologica — um ente em que, á falta do primeiro filho, concentrariam, de então por deante, todas as opulencias e exuberancias do seu, ainda ingenuo, amor conjugal. Aquelle formoso animalzinho ia, pois, facticiamente, estabelecer entre elles a necessaria *triangulação*...

III

Dândy (assim appellidaram, logo, o gentil cãozinho), *Dândy* era, de feito, um animal gracioso. Bem merecia taes honras.

Na altura, pouco se avantajava a um gato. Da cabeça á cauda, cobria-lhe o corpo flexuoso um vello alto, finissimo, de uma alvura cegante, de neve. Parecia, até, uma pasta de algodão, com cabeça, corpo e membros locomotores!

De pé, em attitude de alarma, o seu vulto niveo, quasi aéreo, tinha a forma de meia-lua, com quatro supportes longos, movediços — as pernas. A esse crescente

alvissimo serviam de pontas — de um lado, a cabeça fina, pontuda, com duas orelhas flaccidas, descahidas em dobra; do outro, a cauda, hirsuta e branca, fluctuando à mercê do vento.

Ao longo do esguio dorso, nervosamente vibratil, pendia-lhe para os lados, bem repartido, o pello alto, espesso, quasi todo crespo. Como que a Natureza — a omnimoda artifice — lhe vestira, para o abrigar, um casaco feito de arminhos...

E essa pequena porção de materia viva, leve, mobil, quasi que alada e etherea, era animada, ainda, no intimo, por uma chispa vital, que lhe accendia os olhinhos humidos, redondos, vermelhos como dous rubis, em cujo centro havia, como si fôra de vidro, um ponto fulvo, aureo, côr de chamma de vela — as pupillas.

IV

Poucas creaturas hão conhecido, em seu viver, afagos mais espontaneos, blandicias mais affectivas. Quantos ha, entre os bipedes fallantes, que nunca conheceram mãe, nem pae, nem parentes carinhosos? Quan-

tos, com justissima razão, ao verem o desdem protervo de seus congeneres, não chegam a julgar-se como os tortulhos, isto é, brotados, uma noite, espontaneamente, da terra!... E, todavia, quantos homens bem nascidos, bem criados e, ainda, altamente postos na sociedade, não merecem, com integra justiça, nem tanto, nem mesmo menos do que esse animalzinho de paes incognitos! Quantos!...

V

Dândy tinha, effectivamente, todos os conchegos de que, no lar paterno, pode gozar o *primeiro* filho... A' mesa, como a distincto conviva, serviam-n-o sempre do melhor. Na camara conjugal, como a verdadeiro amigo, davam-lhe sempre entrada franca. Ahi, junto ao leito dos esposos, sobre fofo e alto tapete, envolto em flannels finas, dormia elle o seu somno de ave.

Era o guarda daquelle ninho de venturas. De noite, ao menor ruido, dentro ou fóra, *Dândy* despertava áleria, e, acrobaticamente, de um salto, punha-se em pontas de pés, ladrando forte, com valentia.

Assumia, então, um aspecto original: a cauda, hispida e branca, tremulava no ar, como bandeira de combate; o corpo, nervoso e magro, fremia-lhe da cabeça á cauda; as orelhas molles, dobradas, fustigavam-lhe a inquieta cabecinha, onde, no escuro, como dois carvões accesos, ardiam os olhinhos rúbidos, phosphorescentes, com suas pupillas aureas, côr de chamma de vela . . .

Os esposos, ás vezes, no melhor do somno, despertavam em sobresalto. Ella, nervosa e pallida, sentava-se no leito, emergindo, qual outra Venus, d'entre as espumas fluctuantes daquelle mar de lenções alvissimos. Elle, lesto e agil, abrigava-se numa capa, e, com uma luz na mão, percorria todos os cantos da casa, a ver si, em algum delles, descobria a causa do ruido.

Quasi sempre verificava que a causa era . . . pouco mais de nada: um estalo no madeiramento do tecto, ou a fuga de algum rato pelas telhas. . .

Todavia, certa occasião, graças á sua perspicacia, *Dândy* descobriu, por trás de um movel, na sala de jantar — de olhos ardentes, lingua latejante, cauda a guisalhar com um ruido secco, de couro amar-

fanhado — um cascavel que, durante o dia, por uma fresta da parede, se insinuara sorrateiramente na habitação.

VI

O gracioso cãozinho, entretanto, não era só um guarda activo, solerte, sempre de vigia, prompto para a defesa: era, principalmente, um amigo dedicado.

Nas longas noites de inverno, quando o frio humidecia o ar e fazia tiritar os corpos, por melhor conchego que tivessem, *Dândy*, o inseparavel *Dândy*, si, até mais tarde, os esposos faziam qualquer serão ou, ainda à mesa do chà, se esqueciam a reviver saudades, alli ficava encolhidinho, em arco, fremindo nervosamente junto de ambos, sob a friagem humida da noite.

A esposa, vendo-o assim, de pello arrepiado, com o corpo em continua agitação, como que sacudido constantemente por uma corrente electrica, commovia-se. Commovia-se, e, carregando-o nos braços esculpturaes, levava-o, carinhosa, para a flaccida alcantifa onde elle dormia todas as noites. *Dândy*, porém, mal acordava, deixava as cari-

cias quentes, suavíssimas, do seu leito; e, prestes, levipede, corria a deitar-se de novo no soalho frio, sem fôrro, apenas para estar aos pés de seus senhores. Então o marido, igualmente enternecido por tamanha dedicação, ia buscar alguns pannos para o abrigar do frio, até que, já tarde, se recolhessem ambos para a camara conjugal.

VII

Ao repontar da manhã, era *Dândy* quem primeiro acordava em casa.

Erguia-se de golpe, chegava à beira do leito e, firmado nas perninhas hispidas, puxava, com as patas deanteiras, a coberta de sobre o esposo. Depois, lambia-lhe, de manso, as mãos; roçava-lhe pelo rosto o focinho hirsuto; afinal, fazia-lhe festas, para que elle, docemente, fosse despertando. . . O marido abria os olhos, vagos, estremunhados, e, ao sentir em pleno rosto o anhelito do cão, comprehendia tudo. *Dândy*, o seu bom amigo, avisava-o de que, com o renascer da aurora, recomeçava também, para elle, a lucta pela vida — lucta acerba, dolorosa, neste triste anoitecer de seculo.

O esposo, agradecido, retribuía-lhe os afagos; corria-lhe a mão pelo dorso mobil; vestia-se à pressa para sahir; e, por ultimo, consultava o relógio.

Eram, de feito, horas de trabalho. Na rua, recomeçava o bulicio trépido, promiscuo, do viver urbano; no alto, pela atmospherá nevoenta da manhã, chilreavam passaros; ao longe, com breves intercadencias, irrompia, em meio áquelle fervilhar crescente, o grito longo, queixoso, das machinas, chamando para o labor das fabricas, á conquista do pão para a familia, os desprotegidos proletarios . . .

Si o joven esposo, tão cedo, precisava de sahir, *Dândy*, curveteando-lhe por entre as pernas, beijando-lhe, festivo, as mãos, dando saltos malabarescos, acompanhva-o, sempre, até á porta da rua. Ahi, esta fechava-se com estrondo entre ambos, e elle, o fiel amigo, numa carreira célere, vertiginosa, voltava a guardar o leito, onde ainda, languidamente, repousava a sua boa senhora. E assim, vivido, desperto, sempre de atalaia, permanecia no seu posto de honra, até que, medrosamente, um louro raio de sol viesse despertal-a...

VIII

Como se vê, dedicada e nobre corria a vida de *Dândy*. Certa manhã, porém,— fria manhã de junho! — o esposo, ao acordar, já tarde, ouviu um ruído aspero, de folle, ao pé do leito. Desce, curioso, a ver o que era. Com dolorosa surpresa, vê então que o ruído vinha do seu gentil madrugador! Compreende, logo, por que elle não o havia despertado á hora do costume: o coitadinho, de tão doente, nem mais podia alçar a cabeça.

O marido, sobremodo penalizado, acorda a esposa e examinam ambos, com indizível pena, o seu bom e leal amigo.

Dândy tinha os olhos salientes, esbugalhados, desmedidamente abertos, rubros como ferro em brasa; da bocca livida, semi-cerrada, pendia-lhe, violacea e tumida, a lingua, d'antes tão fina e rósea. Da garganta monstruosamente inchada, forçando-lhe a colleira, sahia a respiração rouqueira, cavernosa, estrugindo sempre.

Os dois esposos, compungidos ao verem-lhe os olhos lacrymosos, a bocca cheia de espuma, e a lingua assim, toda de fóra,

assustaram-se. Assustaram-se, porque desconheciam a molestia. Comtudo, aviaram á pressa uma beberagem, extrahiram-lhe da bocca uma parte da saliva e, por ultimo, fizeram-lhe rodar pela guela, através daquelle estrupido cavernoso, algumas colheiras da *salvadora* mézinha...

IX

Tanto que foi manhã, os dois esposos communicaram, mui sentidos, ás pessoas mais intimas, que *Dândy*, o seu *filho adoptivo* (como ás vezes lhe chamavam para denotar affecto), estava gravemente enfermo.

Ora, todos, conhecendo a estima quasi paternal de que alli gosava o gentil cãozinho, deram-se pressa em *visital-o*. Chegavam, olhavam para elle com attenção e, tomados de não fingida pena, confessavam desconhecer-lhe o mal.

O pobrezinho, si lhe fallavam ou faziam festas, agitava, reconhecido, a cauda, movia a custo as orelhas e, por fim, fitava longamente, instantemente, em quem o acarinhava, uns olhos tristes, queixosos, transudando lagrymas.

Via-se alli, naquelle olhar ineffavel, como nos olhos do cão do poeta, a ancia, o desespero de uma alma—« encarcerada e sem poder fallar ».

X

Sobre a tarde, alguém appareceu em casa e, olhando para o enfermo, disse, com ares de entendido:

— Ora dá-se! Vocês aqui com um cão hydrophobo!...

Não se imagina o effeito, quasi fulminante, que entre os esposos produziu aquella exclamação. Uma bomba de dynamite, que alli estourasse de chofre, não os abalaria tão rudemente.

Comtudo, o marido, reflectindo um pouco, ponderou que naquella época — pleno inverno — não lhe constava existirem cães hydrophobos.

— Qual o quê! — torna o improviso medico. Para isso não ha épocas. Quem sabe, até, si de ha muito não estava a molestia incubada nelle? — E lembra o alvitre de o curarem summariamente, com algumas pauladas ou com um tiro de revólver...

O apprehensivo casal protestou, energeticamente, contra o deshumano alvitre: rejeitavam, por completo, tão esturdia medicina. Contentar-se-iam de o fazer arrastar para um quarto *de despejo*, onde elle — acrescentava a esposa — « podia morrer mais á vontade »... E, para o *hydrophobo* lhes não transmittir o mal, ou inocular em alguém o funesto virus — muito embora o misero já nem pudesse erguer a cauda — amarram-n-o de longe, cautelosamente, por um cordel, ás pernas de velha cama.

Alli tinha elle de passar a noite toda, segregado, pela vez primeira, de seus abnegados paes... *adoptivos*.

XI

A' mesa do chá, naquella noite, os dois esposos conversaram longamente, cheios de apprehensões, sobre a horrivel molestia do cãozinho.

— Quem sabe — dizia ella, aterrada — quem sabe si aquella baba, tão grossa, que lhe sahia da bocca e em que, por vezes, sujei as mãos, não será bastante para nos pegar a molestia?

O marido, então, tranquillizando-a, advertia que, como quer que fosse, não havia motivo para sustos: si o mal, effectivamente, viesse a manifestar-se, tinha a medicina recursos para cural-o . . .

Nos silencios desta pratica, toda intima, estrugia, no quarto proximo, o ruido aspero, cavernoso, da garganta já quasi obstruida do misero animal.

Quem lá fosse, agora, ver-lhe-ia, com magua, os olhos immensamente abertos, mais dilatados, mais rubros, com as pupillas de chamma quasi extinctas...

Os dois esposos recolheram-se tarde para seu quarto, sem se lembrarem, siquer, de que, naquella noite, tão humida e fria, ficava alli abandonado, num quarto de despejo, como sordido trapo velho, ou como um sapato roto, o seu nunca assás *querido amigo*, o seu mais que muito *dilecto filho*...

.....

XII

Apesar de todos os receios, apesar de tantas apprehensões, marido e esposa, naquella noite — algida noite de genuino

inverno! — dormiram deliciosamente, como sóem dormir casaes felizes, quando ainda, a espaços, lhes não perturba o somno o chorar triste, plangente, de um filho recém-nascido...

Talvez, mesmo, por causa dos receios, só no outro dia, muito tarde, abriram os olhos á luz do sol, bem alto já no horisonte.

Bem-aventurados os que, quando apprehensivos, dormem assim tão socegado somno !...

XIII

A manhã rompêra esplendida, bellissima.

O firmamento, liso, suave, ermo de nuvens, similhava colossal abobada, toda forrada de seda azul.

O sol, surgindo rútilo, resplandecente, sobre o horisonte purpurino, parecia um ponto incendiado naquella immensa tela diaphana.

Havia cá embaixo, na terra, entre a costumada paz dos homens, cavatinas de passaros, clarinadas de gallos, chocalhar de frondes, — emfim, toda essa musica, sylvestre e deliciosa, com que a Natureza acompanha

sempre, áquella hora, as suas exhibições pyrotechnicas.

E, todavia, as cousas que não sentem — desde o musgo até á rocha — tinham, naquella manhã risonha — authentica manhã de junho — uma physionomia ironica, sarcastica, juvenalesca...

Os dois esposos, surpresos, desapontados, por haverem despertado tarde, foram logo á porta do quarto de *Dândy*. Queriam saber, talvez, como passára tão deliciosa noite o seu, já agora, *ex-filho adoptivo*... Fitarã o ouvido á porta; escutaram, por instantes, com attenção. Nada: nenhum ruido. Dentro, silencio absoluto.

— Fugiu!... fugiu!... E agora? Como ha de ser? Bem mal fizemos em não consentir que o matassem... Vamos ser as primeiras victimas!... — exclamava a esposa, attonita, livida de susto.

O marido, porém, fingindo-se mais calmo, obtempéra:

— Não ha duvida. Mato-o já! — E, prestes, encaminha-se para o movel onde jazia o mortifero instrumento. Subito, porém, atravessa-lhe o espirito uma idéa luminosa. Lembra-se de que, antes de dar caça ao cão, seria de bom aviso verificar, primeiro,

si o cão estava vivo ou morto. Contra cousas inanimadas, por certo, não se desferem tiros..

XIV

Timidos, cautelosos, os dois esposos penetram no quarto.

Uma larga fita de sol matutino —multicolor, iriante—pendia, tremula, de uma fresta do telhado. Desdobrando-se pelo chão, clareava, a flux, o frio e lobrego aposento. Foi a essa luz ironica, hilariante, sarcasticamente alegre, que se lhes deparou, immovel, o vulto branco e inanimado do gentil cãozinho.

Como empolgados por mão occulta, sentem-se impellidos a entrar. Não mais com medo, mas com doloroso pasmo, acercam-se do animalzinho. Com palpitante curiosidade, põem-se a examinal-o, e, desapontados, corridos, reconhecem que o pobre estava morto, bem morto! Já os não ameaçava a terrivel *hydrophobia*..

De feito, *Dândy* succumbira sobre a madrugada. Conservava o corpo, não encolhido em curva, como dormia, mas inteiriçado, cabeça vergada para trás, cauda desfral-

dada sobre o chão, pello erecto, hispido, pernas distendidas, tesas, duras como quatro espeques... Nos olhos, salientes, desviados — onde já não fulgiam aquellas pupillas rútilas, chispeantes, fulvas como chamas de vela —, nos olhos, viam-se, crystallizadas, as lagrymas da angustia..

A bocca, ás escancaras, tinha o riso convulso, sardonico, de uma gargalhada de ironia!

Alli estava — e bem à mostra — entre a saliva gelida, escumosa, a *hydrophobia* terrivel que, na vespera, pôz o misero a pique de ser summariamente curado, a pau ou a tiros de revólver. Era, nem mais nem menos, um osso que, dois dias antes, ao jantar, se lhe encravara nos gorgomillos!

.....
.....

XV

Lagrymas!

Não ha, para as grandes dores, mais bemfazejo balsamo. Quando o coração, tu mefeito, em violenta effervescencia, se dilata como um odre, ameaçando arrebentar,

são ellas — as doces lagrymas — essa evaporação crystallina, que, borbulhando pelos olhos — valvulas de segurança! — descarrega a alma e salva-a de proxima catastrophe.

Ha, entretanto, lagrymas venenosas, lagrymas roazes, malfazejas, que, em vez de carinhoso mel, só distillam fel e vinagre: as do remorso...

E taes eram as lagrymas do pranto, sinceramente copioso, que, ao mesmo tempo, rebentou dos olhos dos dois esposos.

E' que, no intimo, reconheciam elles a sua culpa, e, de si para si, monologavam:

— Que ingratos que fomos! Por que não lhe examinámos a bocca e não lhe arrancámos della aquelle maldito osso?!...

E, de tropel, acudiu-lhes ao espirito um cardume de recordações. Lembraram-se do dia em que elle, o finado animalzinho, lhes entrara em casa; da alegria com que elles o receberam; da sua incomparavel graça; da sua arguta vigilancia; da sua dedicação extrema. Lembraram-se do carinho, por assim dizer, paterno, com que o tratavam; do affectuoso epitheto, que então lhe davam, de — *filho adoptivo*. Lembraram-se, afinal, com funda magua, do deshumano alvitre de lhe vararem o craneo com uma bala...

No entanto, de todas as recordações a que mais luminosa lhes brotava no espirito — insistente, pertinaz, como uma obsessão — era a daquelle olhar, para elles inesquecível, que o cão, já na agonia, lhes enviava constantemente — olhar supplice, olhar queixoso, olhar de uma alma incomprehendida, « encarcerada e sem poder fallar »!

Então, em frente ao misero morto, ante o seu gelido riso de ironia — ultimo esgar da morte, — germinavam-lhes no coração, brotavam-lhes dos olhos e fluíam-lhes pelas faces, volumosas, calidas, as lagrymas roazes do remorso. E, por uma illusão de optica, figurou-se-lhes ver ainda, luzindo, faiscando, vertendo lagrymas, aquelles olhinhos vividos, purpurinos, rútilos como dois rubis, em cujo centro intensamente fagulhavam duas pupillas aureas, fulvas como chammas de vela!...

.....
.....

XVI

O enterro do cãozinho devêra celebrar-se antes da noite.

Dândy, esse cão distincto — mais digno, talvez, que muitos homens—não devêra ser entregue aos corvos, como um bruto réles, plebeu, sem direito ás homenagens posthumas da Historia.... No fundo do quintal, á sombra fresca das goiabeiras, sob a caricia múrmura dos ramos verdes e, mais tarde, na primavera, sob as bençams das flores alvas, laceradas pelas virações trans-euntes — ia ter elle, afinal, o eterno abrigo.

Não mais o afagariam braços niveos, esculpturaes, para leval-o ao leito de fôfalã; não mais o acalentaria um collo voluptuoso, quente; não mais dormiria, ao cahir das noites, no regaço molle, flaccido, de sua senhora. . . Em compensação, porém, dormiria alli, para todo o sempre, no grande seio maternal da Terra. . .

XVII

Estava aberta a sepultura. Ia fazer-se o enterramento.

Dândy já alli estava, junto ao velho muro, á sombra daquellas ruinas cobertas de trepadeiras... Pelas arvores proximas pulavam, irrequietos, de galho em galho, os

canarios e os ticoticos. Por entre a folhagem das goiabeiras, respiravam, ciciando, as virações da tarde.

O *defuncto*, envolto nas suas flannels, foi descido à cova, carinhosamente, pelos seus penalizados donos. Tão de manso o collocaram alli, que até parecia temerem perturbar-lhe o placido somno...

Ella atirou para dentro do fosso muitas mancheias de rosas desfolhadas; elle, logo após, de enxada em punho, funebremente, começou a encher de terra a sepultura. Ambos choravam desafogadamente, com sinceridade, qual si alli, longe de profanas vistas, estivessem a sepultar um pedaço d'alma. . .

E' que, através daquellas rosas, em meio àquellas camadas de terra fôfa, lucilavam ainda, a fital-os demoradamente, sem se fecharem, os dois olhinhos rúbidos, purpureos, de *Dândy*, com as suas pupillas fulvas, aureas como chammas de vela, cada vez mais vivas e dilatadas. . . E nesses dois olhinhos súplices, afflictos, viam elles, ainda, num tom de ineffavel queixa, aquella expressão de angustia, aquella ancia incomparavel, suprema, de uma alma incom-

prehendida, « encarcerada e sem poder fallar » . . .

.....
.....

XVIII

Alli, em tão triste mistér, os dois esposos choravam, mas devéras, compungidamente, arrependidos de não terem salvo o infeliz cãozinho.

A tarde, entretanto, cahia alegre, resplandecente.

Céo limpido. Hymnos de passaros pela altura. Halitos aromaes de brizas, por entre as roseiras do quintal.

Através, porém, das ramas viridentes que, como largo pallio verde, ensombra-
vam a cova mal cheia, o Sol, fulgurante e vivo, espiava indiscretamente aquelle casal ingenuo. Com seu flammineo olhar de curioso cyclope, o grande astro da vida, ridente e ironico, zombeteiramente fitava os lacrymosos esposos. E o seu olhar parecia dilatar-se cada vez mais, numa sarcastica expressão de riso, ao vel-os, junto

daquella sepultura, transformados pelo Remorso, para tão original enterro — elle, em coveiro de um cão, ella, em... gato-pingado!

.....
.....

XIX

Sobre a sepultura de *Dândy* plantaram logo, para marcal-a, uma vergasta de roseira. A principio as folhas do vegetal-monumento murcharam, amarelleceram, cahiram, e, de uma a uma, foram varridas pelo vento, confundindo-se, em breve, com o pó das cousas mortas.

Assim tambem, dos corações de ambos os esposos, já se iam desprendendo, aos poucos, as recordações do seu cãozinho...

O arbusto, porém, cria raizes, e afinal, inesperadamente, reverdece, deita folhas novas, começa logo a enfeitar-se com graciosos botõesinhos...

Dir-se-ia uma resurreição! Emtanto, a curiosidade dos dois esposos interroga: — Que sahirá daquellas chrysalidas verdes, hermeticamente fechadas? Dellas brotarão,

acaso, como borboletas presas, immoveis, rosinhas brancas ou rubras?

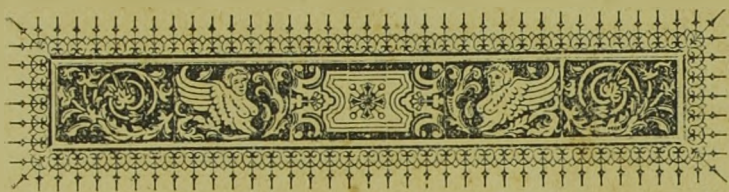
Eram rosas *de todo o anno*. Os botões cresceram e, em victoriosa eclosão, foram abrindo, metamorphoseados em bonitas rosas — de corollas purpurinas, côr de sangue, e de pistillos amarellos, côr de chamma.

Que aspecto pinturesco e original não offerencia alli, junto ao muro velho, todo enlaçado de trepadeiras, aquella roseira nova, folhuda, toda estrellada de flores!

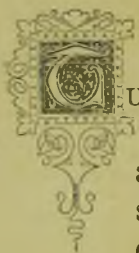
XX

Os dois esposos, ao desabrocharem as primeiras rosas, lembraram-se logo da agonia lenta, cruciante, do cãozinho. Reviveram, então, no espirito, toda a sua meiga historia, e, ainda por suggestão do Remorso, figurou-se-lhes que os olhos tristes, queixosos, do seu pranteado *Dândy*, haviam trepado pela haste da roseira acima, e multiplicando-se assim para affligil-os, abriam-se em flor — rùbidos, purpureos como rubis, com suas pupillas fulvas, douradas, côr de chamma de vela...

E, naquellas graciosas flores, desabrochadas ao sol glorioso de nossa terra, enxergaram elles, mais uma vez, a ancia de uma alma incomprehendida, « encarcerada e sem poder fallar »!



MUDANÇAS



QUANDO, agora, está em seus logares.

Bem lhe custou, a elle, dispôr aquelles moveis, tão varios em suas feições, alguns, até, para tão differentes fins. Mas... conseguira-o.

A camisa, em tal afan, ensopou-se-lhe de suor; a calça, já um tanto rota, cobriu-se-lhe toda de pó. A cabeça, então, parecia haver tomado, pouco antes, formidolosa molhadela! Falta de habito...

A um lado, jaziam já, em repouso, o martello, a cunha, a torquez e alguns outros instrumentos. Em frente, porêm, atravancavam ainda o transito, desoccupados, dois grandes caixões de pinho, que se diriam literalmente vazios si, pelas fendas, não emergissem, muito louros, fulvos—como rebentos

de uma vegetação phantastica — alguns colmos e espigas chochas de trigo, com que se haviam acondicionado, alli, uns tantos objectos frageis.

Respirando a plenos haustos e, até, como a rever-se na boa ordem dos moveis, elle, emfim, senta-se á carteira, toma, a esmo, uma folha de papel e, rapidamente, *currente calamo*, escreve a um amigo — seu ex-companheiro de estudos — longa e interessante epistola, de que eram parte os seguintes trechos :

« Já houve, meu caro, quem dissesse que o povo é o maior dos poetas. E, para proval-o, adduziu coplas, canções, simples quadrinhas, nas quaes intensamente palpita a grande alma popular.

Desse lyrismo calmo, ingenuamente espontaneo e, por isso mesmo, communicativo, transparece com limpidez a indole, viril ou languida, phantasiosa ou pratica, de um povo.

Pelos grandes poemas nacionaes — como os Vedas, Schahnameh, Illiada, Mabinogion, Eddas, Niebelungen — é que melhor se podem estudar as edades mortas, as civilizações extinctas, ou, sómente, o primitivo estado espirital de povos como os persas, hebreus, hindús, assyrios, gregos e romanos.

Nessas épocas de expansão sentimental, já as linguas estão relativamente adeantadas, ou mais ou menos desenvolvidas para as suas funcções, — razão por que superabundam os canticos anonymos. A lingua que todos fallam serve en-

tão, de um modo maravilhoso, para traduzir as dôres, as alegrias que todos sentem.

Em Portugal — bem o sabes — é ainda nos romanceiros ou cancioneros antigos, como o da Vaticana, que os ethnologos vão estudar as phases embryonarias da nossa lingua e as primeiras transições da civilização iberica. Entre nós tambem, nos cantos populares, no cancionero dos ciganos, nas cantigas dos incolas das selvas, é que os nossos mais genuinos escriptores meticulosamente estudam a indole, costumes e tradições do nosso povo. Ahi estão, como valiosos subsidios para a ethnologia indigena, as preciosas investigações de Romero, José Verissimo, Mello Moraes, e os admiraveis trabalhos de Alencar, Taunay, Bernardo Guimarães e outros.

A religião e a mythologia dos povos não só se evidenciam na poesia inculca das classes mais humildes — aquellas que, no dizer do poeta, « só têm por livro as florestas »: tambem resaltam — e, quiçã, com mais accentuação — dos seus contos e credices tradicionaes. Quanto á imaginação e sensibilidade moral do povo brasileiro, podemos averiguar essa verdade, já agora scientifica, através dos livros daquelles escriptores.

— Mas.... a que vem agora, tão extemporaneamente, toda essa erudição litteraria, para provar ou deixar patente que, em realidade, é o povo o maior dos poetas? — inquirirás, decerto, endereçando-te... aos teus botões.

Ora eu, prevendo já o silencio dos interpellados, sollicitamente te respondo:

— Tudo o que ahi fica, meu caro, serve de pretexto, ou occasião, para te observar que o povo é, tambem, o maior philosopho.

A sua philosophia, toda pratica, experimental, achamol-a, si o quizermos, genialmente compendiada nos seus

proverbios, com propriedade chamados — *sabedoria das nações*.

A origem desses dizeres concisos, conceituosos, profundamente veridicos, perde-se nas brumas dos primeiros évos. Quem os compoz, quem os formulou, com tão rigorosa justeza, com tão flagrante verdade? — O povo.

Foi o povo que, com o seu assombroso instincto da verdade philosophica, accumulou um tão precioso erario de sentenças. E onde está a summula scientifica, a essencia do saber profundo dos sete sabios da Grecia? Nos seus immortaes proverbios, que, embora typicamente originaes na forma, encerram, comtudo, verdades irrefragaveis, a bem dizer *eternas*, unanimemente acceitas pelos outros povos.

Linguagem dos deuses — chamou Pindaro á poesia.

Vico, mais positivo e, forçosamente, mais moderno que o dulcissimo poeta grego, tanto se entusiasmou pelos proverbios de origem popular, que lhes chamou tambem — *linguagem dos deuses*.

Qual dos dois foi mais exacto, mais observador, mais verdadeiro na sua classificação? — Vico, não ha que ver. E, de accordo com o celebrado apophthegma do illustre philosopho napolitano, é que nós, os monotheistas, ainda hoje entendemos que *vos do povo é vos de Deus*.

Minha mãe, espirito altamente pratico, já mui experimentada nas vicissitudes da vida, tem sempre, para cada facto, um adagio apropriado, um dicto sentencioso.

Mezes antes de eu mudar-me para aqui, fui visital-a; e ella, que, por vezes, já se tem mudado de um logar para outro, a consideravel distancia, observou-me que — « tres mudanças valem um incendio ».

Com franqueza: achei hyperbolico o proverbio. Ha poucos dias, porém, após acondicionar para o transporte a minha

BIBLIOTECA MUNICIPAL
«ORIGENES LESSA»

Tombo N.º
MUSEU LITERARIO

pequena mobilia, alguns livros e varios objectos de mais utilidade domestica, reconheci, afinal, a grande, a incontestavel verdade daquelle sabio proloquio.

Tive que abandonar utensilios, de pouco valor na apparencia, mas que, ás vezes, no mecanismo domestico, exercem importante officio. Foi-me forçoso dispor de outros, mais necessarios, sem duvida, mas cujo transporte, á primeira vista, me parecêra dispendioso. Deixei ficar, tambem, tudo quanto, em linguagem familiar, costuma dizer-se *cacarêos*, mas que lá um dia, inesperadamente, tem seu fim determinado.

Era a primeira mudança que eu fazia, de um logar para outro, depois que constitui familia. Sem ter chegado á terceira, isto é, ao numero do proverbio, já me sentia capacitado da incontestavel verdade proferida por minha mãe.

Considerando o que se perde, o que se dá e quanto se despende nessas occasiões, já eu podia assegurar, com relativa experiencia propria, que, devêras, «tres mudanças valem um incendio».

Ha dias, na hora da partida, ponderei a minha mãe que, bem cedo, me convencera da profunda philosophia do seu proverbio. Então ella — coitada! — abraçando-me compungida, em sincero pranto, com as faces rorejadas de lagrymas, o seio convulso pela emoção, a voz sumida, quasi extincta, immediatamente me retorquiu, como querendo consolar-me:

— É bem verdade, meu filho; mas outro dictado diz: «*A quem madruga Deus ajuda*»...

Oxalá que a voz dos anjos, ou, antes, a voz de Deus, falle, uma vez ainda, pela bocca de minha mãe!...

.....

.....



UM INVALIDO DAS LETTRAS

I

QUESMOLA! esmola p'ra o nosso pobre! — gritavam sempre os dois anjinhos, correndo céleres para a joven mãe, ao ouvirem, junto á porta, a voz triste, plangente, do mendigo.

A mãe, prazenteira e meiga, entregava-lhes as moédas que ambas, radiantes, costumavam dar, todos os dias, pela manhã, ao tremulo e grotesco velho — espantalho das outras crianças do bairro...

E era de ver o jubilo, a alvoroçada alegria com que os ledos cherubins iam dar a sua esmola!

II

Tinham razão as demais crianças para, cautelosas, fugirem do mendigo. O pobre, de tão feio e sujo, era, até, um ente repugnante... Causava sempre entre ellas — timidas aves da aurora — o effeito dispersivo de um corvo, cahindo, desazado, em meio de temerosas pombas.

Muito alto, esguio, esqueleticamente magro, de um pallor cadaveroso, tinha o misero um não sei quê de espectral... Carregava ao peito, esparsas e emmaranhadas, umas longas barbas abrahamescas, que lampejavam à luz rútila do sol como fios tenues de prata. Essas barbas confundiam-se com as falripas niveas que, em ondas, lhe fluíam pela fronte.

Sobre a cabelleira alvissima, empinava-se-lhe, com um destaque negro, pinturesco, uma cartola surrada, que, por muito tempo, encimara a fronte olympica de um litterato, de poucas letras, é certo, mas, que farte, frequentador de bodegas... Os pés — uns longos pés esqueleticos — andavam sempre embarcados nuns sapatorros já murchos, que, durante quasi meio seculo, haviam servido a habil politico, para, em

ocasiões sollemnes, fazer rapa-pés a potentes magnates... O corpo secco, de mumia, esse, trazia-o elle eternamente enfardado numa fatiota preta, já muito sovada e rôta, que pertencera tambem, em épocas immemoriaes, a certo estudante pouco estudioso, mas, em compensação, muitissimo amante de solemnidades...

O infeliz, em summa, apresentava o que quer que era de fossil, de pre-historico, de anti-diluviano... Dir-se-ia, até, apesar da sua mobilidade, um monumento gothico, um obelisco egypcio, portador eterno de curiosas recordações. E, afinal, era uma licção de moral... ambulante.

III

Extranhavam todos que, emquanto as demais crianças fugiam, pávidas, ao darem com tal abantesma, só aquelles dois anjinhos corressem alegres, carinhosos, ao encontro d'elle. Extranhavam, sim; mas o facto, com ser anômalo, tinha a sua explicação.

Um dia, pela manhã, batem à porta. As duas meninas acodem, trêfegas, a ver quem era. Subito, porêm, arredam, fogem para

dentro, gritando espavoridas, cheias de medo, como si alli, áquella hora, vissem acaso uma *alma do outro mundo*.

A mãe, que assistira do quintal a tão divertida scena, corre para junto dellas. As coitadinhas, lividas, tremulas de susto, apenas balbuciavam: — « O pobre!... O pobre!... »

A joven senhora ria-se perdidamente. Para tranquillizar-as, abraça-as, beija-as e diz-lhes, entre carinhosa e seria:

— Tolas! Que mal faz o pobre? Elle só quer uma esmola... Vão levar-lh'a.

E, tirando de um movel duas moedas, entrega-as, logo, ás timidas avezinhas do seu lar.

— Vão. Vão dar esmola ao pobre.

As meninas, porém, olham assustadas para o velho, fitam-n-o attentamente e, chorando, querem ainda retroceder. Negam-se a obedecer á mãe. Esta, emtanto, consegue tranquillizar-as. Sorrindo, beija-as de novo, e, com esse timbre de voz mellifluo, insinuante, que só as mães possuem, accrescenta:

— Vão levar esmola ao pobre, que eu, depois, *vos* darei uns doces e contarei uma

historia, muito mais bonita que aquellas de hontem á noite.

As duas criancinhas, movidas pelo interesse, mas, ainda assim, com receio, vão-se a pouco e pouco acercando do mendigo. O velho, silencioso e estatico, contempla-as com um ar de tristeza e magua. Então, cada qual por sua vez estende, de longe, com cautela, o bracinho de leite e rosa, olha ainda para o misero, e, por ultimo, deita-lhe na cartola a moeda, que cai tilintando sonoramente.

O velho, agradecido, envolve-as, por um momento, no fulgor humido e triste de seus olhos de faiança azul, e, em voz lugubre, monotonica, repete o costumado estribilho:

— Nossa Senhora vos cubra com seu bemdito manto!

E, a passos tropegos, cansados, prosegue a sua via-dolorosa, sacudindo mollemente a fronte, ao incerto rhythmo da bengala com que tactêa o solo...

IV

Era ainda cedo para o almoço. Entretanto, abrindo uma excepção naquelle dia

para cumprir a sua promessa, a mãe abre o armario, tira uns doces, dá-os às filhinhas, e senta-se com ellas na rêde da varanda. E começa a historia:

— Aquelle velho — sabem? — era como *vosso* pae: um pobre professor. Vivia de ensinar e de escrever. Foi elle, filhinhas, o mestre de *vossa* avó. Era um moço forte, robusto, bem disposto. Não erâ assim, tão amarello, tão magro, nem tinha, decerto, aquellas barbas, tão compridas e brancas... Trabalhava muito, muito; mas, do fructo do seu trabalho, sempre mal pago, nunca pôde guardar dinheiro para a velhice.

Ora, tudo se gasta neste mundo... A sua saúde, que parecia de ferro, arruinou-se, e elle, o moço forte, sadio, cedo envelheceu. Envelheceu, e hoje, como é doente, como já não pode trabalhar, pede esmolas, para não morrer de fome!

Que triste lição, minhas filhas! Bem mais feliz fôra elle, si, quando moço, se houvesse feito... carroceiro!

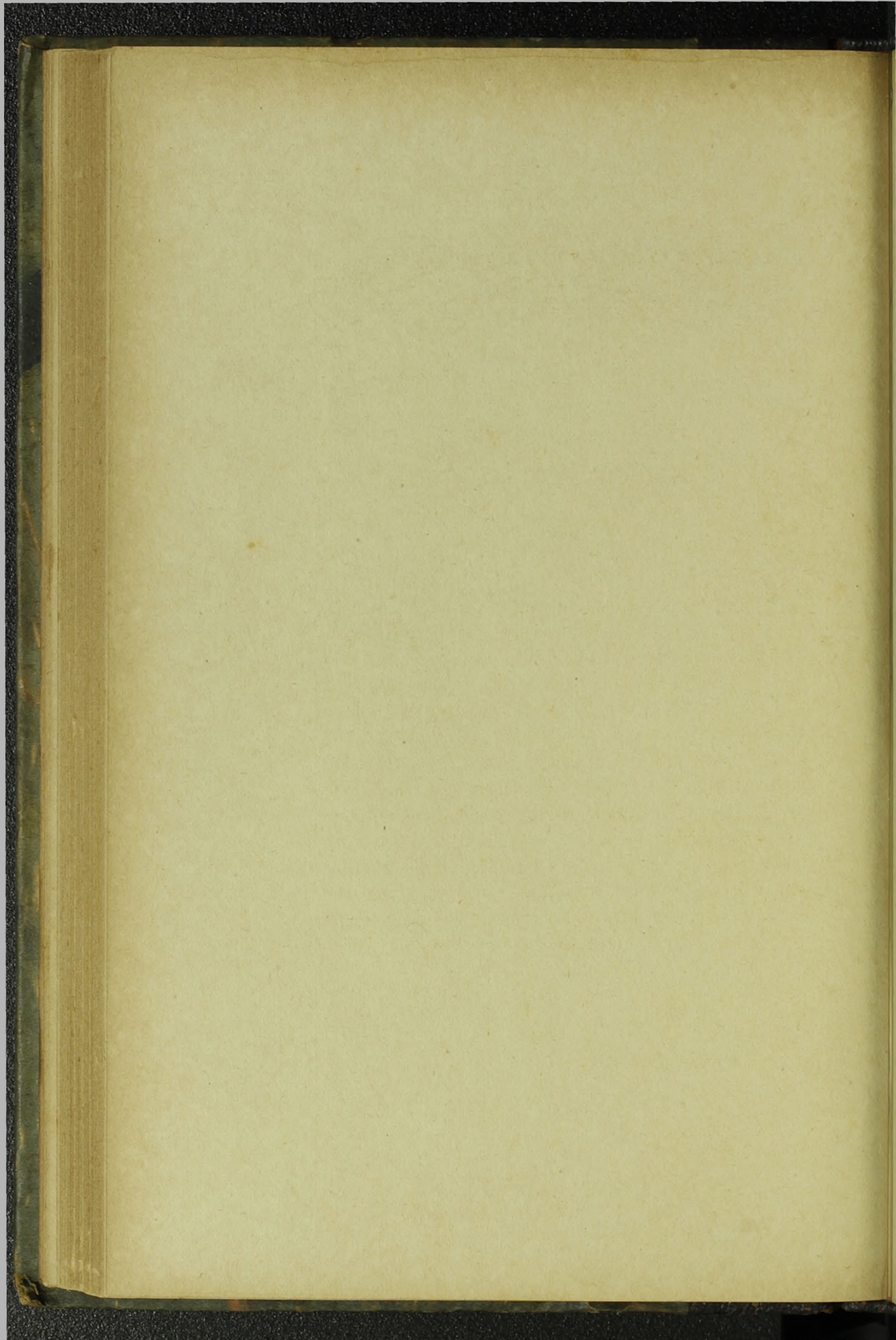
Por isso, não lhe queiramos mal. Que culpa tem elle, o desgraçado, de ser doente e feio? Demos-lhe sempre a nossa esmola,

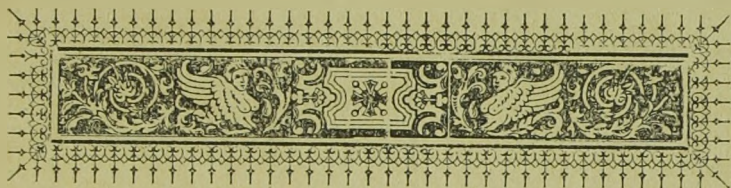
para que Deus, no futuro, não dê a *vosso*
pae uma sorte igual...

.....
.....

Eis ahi porque, quando as demais
crianças fogem, espavoridas, ao verem o
grotesco velho, só os dois meigos cherubins
correm, prestes, para a mãe, gritando ale-
gres, com alvoroçado contentamento:

— Esmola! Esmola p'ra o nosso pobre!...





DADIVA DE POBRE

I

Rosa completava um anno. Apesar de tantas enfermidades, desenvolvia-se lepida e graciosa, enchendo de encantos a vida de seus paes. Por isso, todos rejubilavam naquelle dia.

A mãe, recordando as dôres lacerantes de um primeiro parto, via agora, no adorado cherubim, generosa compensação do Céu a tantas angustias e afflicções. Confrontava as duas datas — uma, de incertezas e soffrimentos; a outra, de contemplação e venturas. E, revendo-se, jubilosa, no primeiro fructo do seu amor, dava-se por bem paga de todos os transe por que passara.

— Que houvera de mais no seu sofrer? — inquiria, às vezes, dialogando com o coração. Pois não custara ella, tambem, a sua mãe, eguaes tormentos e angustias? Não viera ao mundo, como toda gente, entre dôres e afflicções? Soffrêra, sim; mas agora, transcorrido um anno, tinha razões de sobra para se julgar feliz.

Ingenua mãe! Ignoravas que é assim a ventura ephemera, fugaz, do mundo: só a achamos deliciosa quando, em descanso, podemos comparal-a com os males já soffridos...

II

O avô e a avó mostravam-se tambem alegres. Pudéra não! Quando Rosa nasceu fazia, talvez, seis annos que no seu abençoado lar não mais se ouvira vagir um recém-nascido. Por isso, o nascimento da gentil netinha fôra, para ambos, uma como revivescencia. Amando-a com affecto paternal, sentiam elles que alli, naquelle entezinho debil, indefeso, o seu ser se iria perpetuando...

VI

Approximava-se o dia de S. João. Havia no bairro, entre as demais crianças, inusitado alvoroço para festejarem o popularissimo santo. Faziam-se balões, compravam-se fogos, planeavam-se divertimentos.

Naquelle lar, tambem, a mãe projectava a sua festa. Compraria muitas carteiras de bichas, rodinhas, *borboletas*, fogos de Bengala, para as suas crianças. Mandaria á cidade buscar doces, confeitos, balas de estalo. A' noite, faria uma fogueira, em torno á qual, alacres, vividos, folgariam os tres filhinhos.

Rosa, *escrevendo* ao avô, relatava-lhe o projecto daquella festa.

Os festeiros, dizia ella, estão já sorteados. « Fausto é o *capitão do mastro* » . . .

Num gracioso *post-scriptum*, a pequena missivista (pela mão da mãe, já se vê) pedia, para maior brilhantismo da funcção, « batatas e rapaduras » . . .

A carta, lida á hora do jantar para o pae ouvir, foi por todos applaudida com estrepitosas risadas. Até Fausto, o pequer-

rucho — como si algo entendesse já — mostrava-se mais alegre. Sorria-se com delicia, descobrindo as gengivas roseas, sem dentes.

VII

As ante-vesperas do S. João, emtanto, correram tristes naquelle lar! Fausto, o mimoso *capitão do mastro*, cahira gravemente enfermo. A molestia, em poucos dias, tomou serias proporções. Por isso, ninguem fallava mais em folguedos. Nem as duas meninas, tão joviaes e trêfegas uma semana antes! Como que andavam tambem apprehensivas com a enfermidade do irmão... Não lhe abandonavam o berço, embalando-o carinhosamente. De vez em quando, pediam que o tirassem dalli: queriam brincar com elle.

Fausto, porém, tinha já os olhos vagos, indecisos, meio inertes e ennevoados... Volvia-os a êsmo, abstractamente, como os cegos.

VIII

Chegou, enfim, a vespera do S. João — uma tristonha sexta-feira, nebulosa e humida, como aquella em que nascêra o pequenino.

O medico veio vel-o. Achou-o sensivelmente melhor. Então a mãe, para corroborar a opinião do medico, tira-o do berço e dá com elle uma volta pelo quarto.

O pequenino, realmente, parecia ter melhorado. Mostrava-se, até, mais forte... Erguia por vezes a cabecinha, olhava para os quadros da parede, e, por instantes, demorava os olhos na imagem meiga da Virgem. A Virgem, porém, no alto, sobranceira ao leito, orava, orava sempre, fria e branca, na sua impassibilidade de marmore...

IX

Mal o medico sahiu, o menino cahiu em profundo somno. Só entreabria os olhos de hora em hora, quando o iam despertar para lhe dar o remedio. Descerrava, tambem, a boquinha livida, muito secca, con-

servando-a aberta por instantes, à espera de que lhe dessem mais. Uma sêde implacavel calcinava-lhe as entranhas!

Os symptomas da *meningite*, por fim, accentuam-se. O pae em desespero torna à casa do medico; este vem, de novo, examinar o enfermo, mas... não receita.

O marasmo continúa até à noite.

.....
.....

X

O coração das mães tem, às vezes, o dom da presciencia. Possui essa vista dupla, essa clarividencia invejavel, que lhe dá, não raro, a visão nitida, luminosa, de certos successos tristes, por mais longinquos que a outros se figurem.

Por isso, quando o pae de Fausto, fôra de si, amaldiçoando a Sciencia humana, tentava revivescer aquelle corpinho inerte, semi-morto, já meio enregelado pelo indissipavel frio da morte, a mãe nada queria fazer. Pedia, lacrymosa, que o não affligissem mais. E, cobrindo-o de beijos, suspirava:

— Eu bem dizia, *meu negrinho*, que as tuas melhoras não eram bom signal. Não me enganava! Ha dias, quando vi esse nari-zinho aflado, esses olhinhos tão no fundo, essa boquinha sempre aberta, a pedir agua... não sei que me disse o coração!

E, chorando, abraçando o enfermo, abandonava-se ao desconsolo amargo, atonizante, que acompanha sempre a certeza de um mal inevitavel.

XI

A vespera do S. João, com estar humida e fria, nem por isso correu menos alegre. Na vizinhança, desde cedo, o rapazio sol-tara balões de formas esquipaticas. Logo pela manhã, bombas, morteiros, bichas, começaram a atroar os ares, quebrando a pacata serenidade do bairro. De vez em quando, no alto, estrallejavam rojões.

As crianças, si algum balão se quei-mava antes de subir, celebravam-lhe o insuc-cesso com estridulas palminhas, com crys-tallinas risadas.

A noite, como era de prever, baixara escura e lobrega. Nenhuma estrella no céu!

Só um ou outro foguete riscava igneamente a tôrva abobada, onde se viam, ás vezes, como pontos inflammados apagando-se a pouco e pouco, os balões que, entre ovações ruidosas, se iam erguendo morosamente da terra.

Havia, pois, em volta daquelle lar soturno, já quasi em lucto, a verdadeira alegria, a alegria da infancia — alegria sonora, matinal, que tem sempre a limpidez do cantar dos passaros, o alvoroço do acordar da Natureza.

XII

.....
Encurtemos o funesto caso.

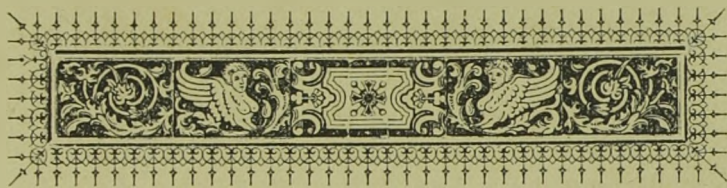
Eram já dez horas. O gentil agonizante, sobre o leito de seus paes, de costas, com a cabecinha triste em flaccida almofada, tinha os olhos voltados para cima. Occultas as pupillas, fitava apenas com o *branco*, vitreamente, o vulto sobranceiro da Virgem, que, agora, parecia contemplal-o enterrecida.

Estava no ultimo paroxismo. A respiração que, minutos antes, num convulsivo desmaio, tinha fugido, volta mais apres-

sada, ruidosa, dilacerante. Os olhos gyram desvairadamente nas orbitas; a bocca, semi-cerrada, abre-se, fecha-se, torna a abrir-se repetidas vezes, num rictus epileptico, sardonico. O corpo dá de si, estremece; a respiração foge de novo, por completo. Mais um mover de olhos, mais uma contracção da bocca, e... está tudo consummado!...

.....
.....

Fóra, em contraste com a atmospherá luctuosa daquelle quarto, cheia de prantos, cortada de soluços, o céu mostrava-se agora muito limpido, formoso, todo bordado de estrellinhas brancas. E, enquanto na vizinhança as ledas criancinhas — lepidos cherubins da terra — continuavam a applaudir, com seu garrulo vozear, a ascensão lenta de algum balão, — naquelle aposento lugubre, funereo, dois corações afflictos assistiam, desesperadamente, á invisivel ascensão de mais um anjo, que, entre os seus irmãos alados, lá ia festejar a S. João... no Céu.



UM MOVEL TRADICIONAL

DÁ-SE com os moveis o mesmo que com os homens: tem cada qual sua physionomia propria. Ha-os velhos e moços, alegres e tristes, graves e joviaes... Uns conquistam a sympathia por sua simplicidade elegante; outros mal nos attrahem a attenção com pretenciosos labores. Alguns ha, tambem, que logo, á primeira vista, inevitavelmente, só nos inspiram aversão...

Qual nos falla de um passado remoto, enche-nos a alma de recordações, acorda-nos saudades; qual nos falla só do presente, da felicidade que passa, do prazer que se esvaéce. É este a criança de hontem, insciente da vida, virgem de desenganos; aquelle, o venerando ancião, muda teste-

munha do passado, compendio indecifrável de Historia...

• •

Nos moveis daquella alcova não havia, porém, tão grande variedade. Salvo um, eram todos adolescentes, alegres: teriam, quando muito, meia experiencia da vida... Datavam de poucos annos. Si lhes dessem o dom da falla, pouco teriam que contar.

Trabalhados pelo mesmo artista, conservavam todos certo ar de modernidade, certo cunho de esmerado engenho.

• •

A um canto, junto á porta, erguia-se, pesado e immoto, o guarda-roupa de faia. Ornavam-n-o, no centro, sobre largas portas, duas almofadas com relevos; no alto, formoso florão em arco, pacientemente esculpido; em baixo, ampla, espaçosa gaveta com puxadores de nickel.

Perto, repousava o lavatorio, do mesmo gosto, com seu rútilo espelho em quadro, encimado, tambem, por caprichoso florão; sob alvinitente mesa de marmore, uma gaveta, egual á do guarda-roupa, com os mesmos puxadores nitidos, reluzentes.

Em frente, duas caminhas para criança, singelas, mas elegantes, torneadas e lustrosas.

No centro, porém, da alcova, recebendo em cheio toda a luz solar que, em ondas, entrava pela janella, pesava, desgraciosamente, como um trambolho enorme, aquella cama de tosco jacarandá. Sem polimento, de linhas duras, incorrectas, de arestas agudas, penetrantes, não se lhe notavam graciosidades de contorno, nem arabescos á moderna... Era uma ampla cama antiga, de estructura rudimentar, severa e feia, com uma catadura tristonha de decrepitude.

Aquelle monstro de quatro pernas, estatelado alli, em meiodo aposento, dava logo na vista, impressionava mal, produzia um mixto de surpresa e displicencia. Era um contraste absurdo, clamoroso, entre os restantes moveis. Constituia, emfim, para quem só julga pela apparencia, um attestado fla-

grante, positivo, brutal, do mau gosto daquella gente...

A dona da casa, ao introduzir qualquer visita no quarto, sentia um certo goso, si lhe notava tal extranheza. E' que se lhe deparava ensejo de *apresentar*, como si fôra pessoa da família, a velha e veneranda cama. Fazia-lhe, então, o historico. Revelava-lhe a idade mathusalenica. Expunha, por ultimo, as razões da sua conservação alli.

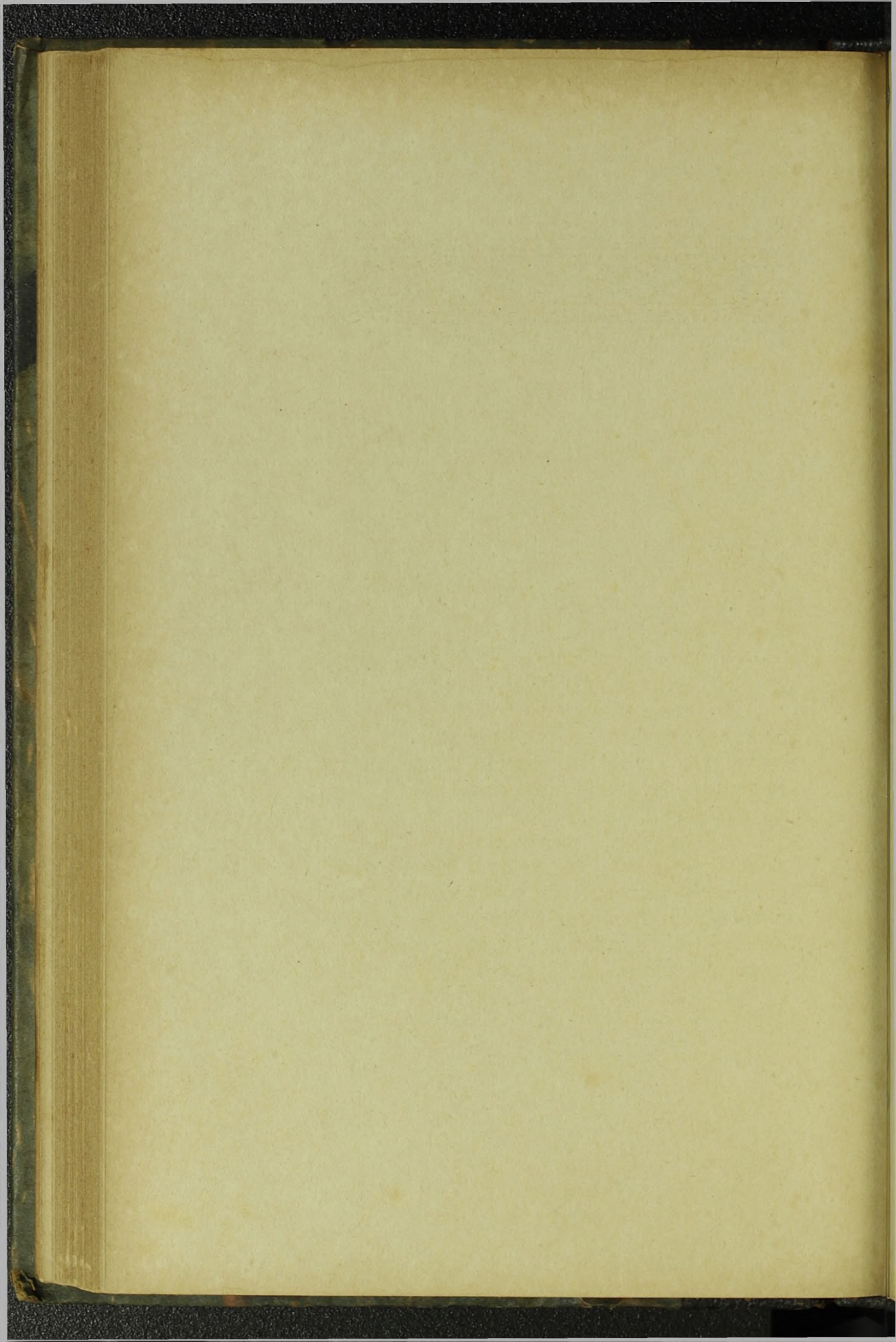
A visita ficava logo sabendo muita cousa. No velho movel, de apparencia archaica, primitiva, nascêra, amara e fallecêra a avó da joven senhora. Alli, viera ao mundo sua mãe; alli, tambem ella nascêra; alli, passara, tambem, suas primeiras noites de nupcias; alli, déra tambem á luz os fructos do seu amor; alli, morrêra seu idolatrado filhinho: alli, por conseguinte, tambem ella desejava morrer.

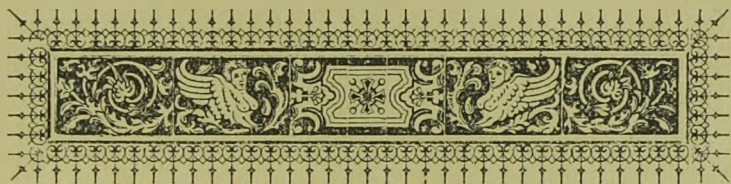
Tudo isto era contado com affecto, com arte, com essa graciosa minuciosidade com que só as mulheres sabem contar o seu passado.

A imaginação do ouvinte — ave errante a esvoaçar entre ruínas — perdia-se então nas brumas de um passado longínquo, evanescente, quasi apagado. E o grotesco movel assumia, para ella, um inesperado prestigio. Dalli se evolavam, imaginariamente, como vapores crepusculares esfumando-se ao longe, na commissura do horizonte, todas as recordações que nelle se aninhavam.

Os outros moveis, com seu ar alegre de novidade, pareciam sorrir, por escarneo, para a velha companheira. Não mereciam, porém, attenção alguma. Só a vetusta cama, veneranda e triste, como essas bentas velhinhas de cabeça tremula, de pelle engehhada e baça, de corpo resequido e fragil — thesouros de recordações e experiencia — só a vetusta cama era olhada com curiosidade, com sympathia e, até, digamos, com certa admiração.

Oh! si ella fallasse, que de cousas não contára? Bem poucas almas terão assistido, como ella, tanta vez e em todas as suas minucias, aos tres paroxismos da vida: — nascer, amar, morrer!...





TIA MARIA

I



APPROXIMAVA-SE o dia da partida. As malas estavam promptas. Faltava, porêm, uma *pagina* para Guidinha, que, naquelle tempo, contava apenas um anno.

E' que nenhuma das raparigas dalli accedia ao convite para preencher tal lacuna. «Era p'ra muito longe a mudança». A gente — sentenciavam — nunca deve sahir de sua terra...

Afinal, já na vespera da viagem, a pessoa incumbida de resolver tamanha difficuldade foi dar com uma preta velha, fõra da cidade, num pardieiro lugubre, meio derrocado, cheio de aranhas e ratos, afogado num mattaréo luxuriante.

Alli morava Tia Maria. A' hora que era — já ia anoitecendo — estava ella a sós, num canto escuso e lobrego, ao pé de quatro pedras em circulo, aquecendo-se ao calor de algumas brasas tristonhas, que palpita-vam sem chamma, desconsoladamente, reavivando-se, a espaços, pelas sopradellas da preta.

Junto ao brasido agonizante, como um jaburú ao pé de um lago, ia a retinta nonagenaria passando, philosophicamente, os seus derradeiros dias.

Quando lhe apertava a fome, não fazia como outros animaes de ordem inferior (ou superior); não sahia a roubar pelas estradas, nem matava os fracos para comel-os. Dava um pequeno gyro pela vizinhança, e alli, carinhosamente, em duas ou tres casas, forneciam-lhe alimento.

Tia Maria, mal repletava o humilde estomago, sempre de contento facil, volvia, prestes, para o seu borrarho, dando graças a esse Deus invisivel, mas bondoso, que nutre os passarinhos e as borboletas. E alli ficava, a cochilar, ante o piscar estremunhado das brasas; aguardando a hora de sahir, de novo, para a conquista de sua razão.

A noite vinha surprehendel-a assim, encorujada, modorrante, deliciosamente opiada pelas fumaças brancas do seu cachimbo.

Por ultimo, quando o somno lhe carregava as palpebras, ella atirava-se pesadamente p'ra um canto, extendia-se numa esteira, enrolava-se bem num rafado cobertor, e, bem-aventuradamente, repousava, até que, por entre as fendas da soturna ruina, as camachilras e os ticoticos, chilreando e saltitando, viessem, com o sol nascente, chamal-a mais uma vez à vida.

II

— Tia Maria, vamos p'ra S. Paulo? Quero dar-lhe uma filhinha, muito bonita, para você *pagear*.

— Eh, nhonhô! Sua negra não presta mais: daqui... sò p'r'o *sumiterio*...

E, com razões deste jaez, durante mais de uma hora, a velha preta indeferiu todas as propostas, defendeu, como pôde, o seu apego áquellas brasas, vivificantes e acalentadoras. Estava já muito edosa, —repetia; não tinha coragem p'ra mais nada. Alli, onde

a viam, junto áquellas queridas brasas, só esperava que Deus se lembrasse della...

Todavia, não era tanto assim. Embora já contasse perto de noventa annos, a preta ameaçava chegar a um seculo. Soffria apenas de uma molestia — essa, infelizmente, incuravel — a velhice.

Apesar disso, e talvez por isso mesmo, podia substituir, a contento, a rapariga que desejavam. Ella e Guidinha! Como não se dariam bem aquellas duas crianças, de edades tão oppostas, mas ambas no vestibulo do mundo: uma a entrar, a outra a sahir!...

III

Tia Maria, afinal, resolveu deixar as suas brasas. Embrulhou-se bem num velho challe, arrumou a sua trouxa e, submissa, obediente, acompanhou logo o seu novo amo. Assim que chegou a casa, passou por uma limpeza radical, de corpo e... vestuario. Já naquella noite as suas saudosas brasas foram suppridas, com vantagem, por boas e aquecedoras mantas.

Ao outro dia, a retinta nonagenaria, de cabelleira nivea e encarapinhada, não

cabia em si de contente. Não sabia, mesmo, que mais admirar: si o seu challe novo, de casimira violeta, com ramagens côr de sangue; si o seu vestido de chita, todo enfundado e farfalhante; si, finalmente, os seus amplos chinellos de tapete, com uma cara de gato na ponta, — por signal, muito parecida com a sua...

Na estação da via-férrea, ao embarcarem, Tia Maria deu *pancas* para a introduzirem no wagon. Nunca havia entrado *naquillo*. Tinha medo...

Depois, em viagem, quando parava o trem, ella sahia do carro, e, de janella em janella, vinha espiando anciosa, a ver si encontrava a *sua gente*. E ria-se, ria-se muito, com intenso gaudio, quando verificava que, devéras, ainda alli estavam todos.

Era preciso então observar-lhe, mais uma vez, que ninguem dalli sahiria sem ella... Fosse socegada p'ra o seu lugar; não tornasse mais a sahir; ficasse là quietinha. Do contrario, podia o trem partir e ella ficar perdida.

Tia Maria, obediente por indole, voltava de novo para o carro, accommodava-se num banco, e, enquanto vertiginosamente rodava o trem, esquecia-se da *sua gente*, con-

templando embevecida, pasmada, o pinturesco desenrolar-se da paizagem, todo aquelle macabro desfilhar de casas, postes telegraphicos, arvores, montanhas, mattas... E, devéras, achava aquillo uma cousa bem exquisita: ella parada alli, quietinha no seu logar, e tudo correndo, fugindo deante della!

O trem parava, e, logo, a mesma scena se repetia: a preta, acordando do seu sonho, sahia a passar nova revista aos carros. Como era natural, encontrava sempre a *sua gente*. Ahi, ria-se de gosto e, apressada, volvia para o seu banco.

Menor não foi a sua estupefacção quando, ao desembarcar na capital, viu um mundo para ella completamente desconhecido... Sentiu-se, mesmo, atordoada em meio áquelle turbilhão febricitante, tão proprio desse viver mixto, agitado, rumoroso, dos grandes centros. Figurava-se-lhe, até, que do seu pardieiro silente, povoado de aranhas e corujas, tinha ella passado, através de um sonho, para aquelle paiz phantastico, mysterioso, em que os homens, na sua agitação constante, pareciam querer devorar-se uns aos outros...

IV

No dia seguinte, pela manhã, a dona da casa chamou Tia Maria e, entregando-lhe nos braços a menina, disse-lhe :

— Aqui está sua filha, Tia Maria. Queira-lhe sempre muito bem, tanto como si você fosse mãe della...

A preta, rindo-se gaudiosamente, com esse riso primitivo, sempre franco, sonoro e puro — apanagio só das raças ainda não polidas pela civilização — mostrou-se ufana, orgulhosa até, com a investidura, que lhe davam, de mãe daquella formosa criancinha, tão alva e loura. E' que ella, coitada, viera dos torvos tempos da escravidão: era das que, no dizer do poeta,

Conheceram tanto dono!....
Embalaram tanto somno
De tanta Sinhá gentil!....

Retrocedia assim á quadra de sua vida, em que ella, impubere crioulinha, azougada e lesta, brincava, á beira-mar, com os filhos pequeninos de seu senhor. Agora, já muito velha, com os pés na orla da sepultura, lembrava-se, sem mais saber onde vivia, dessas

longinquoas praias, fulvas e extensas, em que ella, tanta vez, vira o oceano dormir sereno, ou estrebuchar afflicto, no furor horrivel das suas coleras epilepticas. Recordava-se, tambem, nitidamente, das palmeiras altas, esbeltas, de coma destralçada ao vento, a cuja sombra, silente e doce, passara ella metade do seu viver, amando ao ar livre daquellas plagas, na liberdade feliz que, por momentos, lhe conferia a Natureza... E no seu cerebro opaco, sombreado pelas trevas da decrepitude, rasgava-se um largo espaço luminoso, e, de subito, a um clarão de ardente meio-dia, via ella uns crioulinhos nedios, luzidos, que eram os filhos do seu amor e que ella, ao ser vendida, lá deixara para nunca, nunca mais tornar a ver!...

V

Toda aquella manhã, Tia Maria passou-a assim, num doce enlevo, num continuo sonho do seu passado, feliz e ufana por ter agora, ao anoitecer da vida, uma filhinha tão bella, mimosa e alva.

Ao fim da tarde, porém, quando a pequenina, fatigada de folgar, dormia na rede da

varanda, Tia Maria, desembaraçadamente, encaminhou-se para a porta da rua. Queria sahir.

Ora, não conhecendo ella a cidade, era natural que se lhe oppuzessem à sahida. Observaram-lhe, do melhor modo, que, si ella, já tão velha, se perdesse alli, naquelle medonho fervedouro, poderia morrer em qualquer rua, esmagada por algum carro.

Tia Maria, entretanto, não attendia a nada: insistia pela sahida.

Interrogada, afinal, sobre a causa por que desejava sahir áquella hora, já quasi noite, sem conhecer nenhuma rua, respondeu,—rindo-se, com o seu riso cascalhante e ôco, e escondendo a cara numa das pontas do challe — que ia alli mesmo, pertinho, ao largo do Convento, buscar o seu cachimbo, que, com as pressas, deixára ficar junto ao fogão.

Só então reconheceram o estado de fraqueza daquelle espirito decrepito, já quasi secular! E tiveram pena della. Para accommodal-a, mandaram immediatamente comprar elegante cachimbo de *espuma*, em forma de esphinge.

Quando lhe deram o precioso objecto acompanhado, já se vê, da competente muni-

ção, Tia Maria ficou contentíssima, quasi delirante, e riu-se muito, muito mesmo, abrindo grotescamente a sua bocca desdentada, de tamanduá. Por fim, carregou de fumo o seu novo pito, para experimentar si era bom; accendeu-o pachorrentamente; e, como já era quasi noite, foi-se pôr na cozinha, ao pé do fogo, a puxar longas fumaças niveas e a namorar, beatificamente, as brasas rubras, que palpitavam, crepitavam e, por ultimo, desabrochavam em outras brasas pequenas, semeando em torno, sobre a cinza branca e leve, uma infinidade de estrellinhas igneas que, como tanta cousa brilhante deste mundo, fulgiam um só momento e para logo se apagavam ...

VI

Era alli, na contemplação daquellas brasas, dentro em pouco moribundas, que Tia Maria revivescia o seu passado. Somnolenta, ebriada pelas emanções do cachimbo, ella sentia-se transportada, nas azas leves do sonho, para o longinquo paiz da Saudade.

Emquanto perto, na sala de jantar, dormia na rêde a sua filhinha, de pelle

eburnea e cabellos aureos, ella via os seus *crillas* em sua terra, retouçando, irrequieten, à sombra do palmar ciciante, ou catando conchas na areia fulva das praias. E o clarão rubro das lavaredas evocava-lhe o sol de beira-mar, ardente e louro, a cuja luz risonha via ella agora, movimentando-se phantasticamente, os seus chorados filhos de epiderme negra e luzidia.

Punha-se então a resmungar, como irritada mamangava, mascando, entre as gengivas rijas, violaceas, o recurvo tubo do seu cachimbo, sempre acceso e fumarento,—feito, segundo lhe diziam, daquella espuma serena e branca que ella nunca mais havia de ver!

VII

Todos os dias, à mesma hora, Tia Maria olvidava-se do mundo, namorando alli as rúbidas brasas, que lhe recordavam outras a que ella, no seu velho pardieiro, costumava aquecer-se em longas noites de inverno. E quem sabe até si, quieta assim, modorrante, alheia a tudo quanto a cercava, não teria saudades do tempo em que soffria fome e precisava andar pela vizinhança,

pedindo, aqui e alli, alguma cousa para comer? Quem sabe?

O certo, porém, é que ella, durante o dia, quando o sol alagava de luz o quintal da casa, povoado de versudas laranjeiras, parecia tambem esquecida do seu passado. Brincava alegremente com a pequerrucha, como si ambas fossem crianças. Ella corria atrás de Guidinha, e Guidinha atrás della. Tanto uma como outra, porém, tinham o passo indeciso, tropego. Effeitos fataes da idade...

Era então bem de ver o pinturesco espectáculo que offereciam aquellas creaturas. Tia Maria, com o seu perfil de abutre, de tez negra, reluzente, toda picada de bexigas, esgrouviada e alta, brancos os cabellos como algodão; Guidinha, franzina e branca, de feições puras, delicadissimas, com um quê de passaro canoro, amarellos os cabellos como gemma d'ovo. Um corvo, em folgado com um canario...

VIII

A misera velhinha amava devêras aquella criança. Eram só para ella os seus

agrados, a sua solicitude. Si lhe davam um doce ou alguma fructa, não os comia sem repartir com Guidinha. Com as demais crianças — que as havia em casa — já não procedia assim.

De dia, nas horas de sol mais forte, si a menina dormia na rêde o seu somno de ave, lá ia ella, pela sombra olente das laranjeiras, procurar com que agradal-a quando acordasse: um seixinho reluzente, uma flôr recém-aberta, um insecto de azas d'ouro...

IX

Uma viagem inesperada veio, porém, separar, por algum tempo, aquellas duas felizes creaturas. Tia Maria, isolada, sozinha, sem ter com quem brincar, fizera-se logo triste, macambusia. Os primeiros dias passou-os ella junto ao fogão, namorando as brasas e chupando o seu cachimbo de espuma. A cozinheira, ao vel-a assim *jururá*, resmungando e cochilando sempre, perdia às vezes a paciencia. Mandava-a sahir para o quintal ou... para outra parte. Não queria trambolhos na cozinha. E bradava:

— Que tia, esta! Parece gallinha *pini-cada* de perú!...

Tia Maria, porê, immersa em funda melancolia, funebre e triste, não se movia do seu logar: deixava-se ficar p'ra alli, estatica, soturna, acompanhando com a vista, abstractamente, as baforadas revoltas do fogão ou as espiras caprichosas do cachimbo.... Naquelles novellos, alvos ou pardacentos, que aos poucos se diluiam, via ella — ora os seus *crillas*, negros e nedios,—ora a sua filhinha, branca e loura, que não voltava mais... Taes figuras, porê, se esvaeciam logo, como a fumaça da lenha vivificante ou como as emanações do fumo consolador...

X

Ia já para quinze dias que durava aquella tristura de jaburú nostálgico, não á beira d'agua, mas... á beira do fogo.

Por fim, a velha preta pegou de pedir que lhe ensinasse, por favor, o caminho da casa onde estava a sua filhinha. Queria vel-a. Desejava matar suas saudades.

Para consolal-a, diziam-lhe então que, breve, no dia seguinte, voltariam todos. A

casa era muito longe: ella tão cedo não chegaria lá.

E, si a saudosa preta insistia, davam-lhe algumas lascas de fumo, para que ella, mais uma vez, fosse adormentar suas maguas.

Tia Maria aceitava o fumo, agradecia, com vivas mostras de jubilo, e, de novo, lá se ia para junto do borrarho, namorar as brasas rubidas, conversar com o seu cachimbo e contemplar, embevecida, o esmaecer saudoso das espiras de fumaça...

XI

A impaciencia e melancolia da amorosa preta cresciam cada vez mais. Iam-lhe tornando a alma escura, negra, da côr da sua pelle.

E' que naquelle inculto cerebro, em perenne penumbra crepuscular, começava agora a fazer-se noite. Não dessas noites constelladas, equatoriaes, em que ha fremitos e fulgurações pela altura: mas dessas noites medonhas, torvas, cada vez mais tenebrosas, que precedem sempre os cataclysmos da razão.

Tia Maria, já com os olhos desvairados, illuminados por extranho brilho, amiudou

as suas supplicas, para que, afinal, lhe ensinassem a casa de sua filhinha. Como era natural, não foi attendida.

Certa madrugada, porém, pôz-se ella a esbravejar no quarto, a choramigar, a grunhir, a gemer de um modo lugubre, exquisito. Fazia bulha no soalho, como si por elle andasse a rolar.

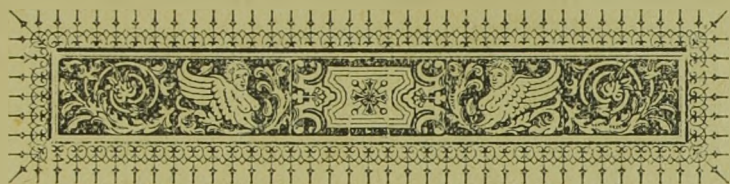
De manhã cedo, quando a procuraram na cozinha para mandal-a espannar os moveis, não a encontraram mais. Tinha desaparecido...

.....
.....

XII

Foram baldadas todas as diligencias para encontrar Tia Maria: tudo em vão! Até hoje, ninguem sabe o que é feito della.

Tel-a-ia esmagado algum carro? Perreceria por ahi, á fome? Ou andarà ainda, macambusia e triste, em meio á noite da sua demencia, procurando, de porta em porta, de casa em casa, entre o bulicio febricitante das ruas, a nova habitação da sua *filhinha* branca e loura?!...



DEPOIS DE PROCELLOSA TEMPESTADE...

I



For calorosa a altercação. Por que?
Nem mesmo elles sabiam. Por uma
futilidade, talvez, por um desses
caprichos frivolos, mas frequentes,
nos primeiros mezes da vida con-
jugal.

O certo, porêm, é que o marido es-
bravejara, dera, possesso, alguns murros
sobre a mesa e, com ares tragicos, sinistros,
promettêra nunca mais fallar com a esposa.
De então por deante, viveriam ambos, alli,
em meio áquellas paredes silenciosas, como
mumias... ambulantes.

A esposa, por sua vez, exasperara-se,
gritara, chorara, maldissera a sua sorte...

Por fim, como toda mulher despeitada, vingara-se, fazendo o papel de victima. Para isso, abriu logo o dique das lagrymas e, diluviosamente, deixou-as jorrar em ondas pelo rosto...

II

Após aquella scena, um tanto shakespeariana, entraram os dias a correr tristes, enfadonhos. Pesava naquella casa, d'antes tão alegre, um ambiente de tedio e mau humor, um não sei quê de desconsolo, que impressionava logo a quem alli penetrasse.

Embora, em presença de extranhos, se esforçassem ambos por disfarçar a sua reserva, — embora simulassem, de parte a parte, amabilidade e contento, — de vez em quando, sem o quererem, aquelle mal-estar se trahia. Um gesto, um olhar, uma simples phrase bastava a revelar tudo. Descobria-se então a comedia, que, aliás, só terminava, ou, melhor, só recommçava quando d'alli se iam as visitas.

III

Aquillo não era vida. O protesto que ambos, em um momento de irreflexão, haviam feito, já se lhes ia tornando uma tortura. Sentiam-se já cansados, aborridos d'aquella posição incommoda, friamente ceremoniosa, que cada um primava em manter para com o outro.

Dava-se, porém, entre elles um phenomeno, pouco de notar até então. O marido raras vezes sahia: e só o fazia quando, fóra, o solicitava algum negocio... Si era de dia, apresentava-se pontualmente á hora das refeições; si era de noite, recolhia-se sempre mais cedo que de costume...

Por seu lado, a esposa procurava adivinhar-lhe os pensamentos. Mandava preparar os pratos de que elle mais gostava. Trazia sempre arrumadinha a sua mesa de escrever. Espannava os seus livros, duas, tres, ou mais vezes por dia.

Quanto á roupa delle, nunca ella se mostrara tão cuidadosa. Com particular attenção, passava, diariamente, em revista todas as peças; pregava logo algum botão que faltasse; tirava as manchas, si as havia;

zelava-as, emfim, com inusitado desvelo. A roupa branca, essa, nunca andara tão em ordem: os collarinhos, sempre alvissimos e espelhentos; os punhos, bem duros e luzidios; os peitos, lisos, brilhantes, sem a mais imperceptivel ruga...

IV

O que, aliás, denotava mais typicamente a reserva de ambos, era a separação dos leitos. Não se fallarem, não passearem juntos, não comerem á mesma mesa... eram cousas de pouca monta. Separarem, porém, os leitos, deixarem de unir, todas as noites, mais de perto, os seus corações indissolavelmente ligados... isso é que mostrava, devéras, a gravidade das offensas mutuamente recebidas e a firmeza do proposito de ambos.

A esposa que, d'antes, á noite, era a primeira a recolher-se ao aposento commum, esperava agora, de vigilia, lendo ou costurando, a entrada do marido. E, por acinte, quando elle, resignado, ia já entregar-se aos braços de... Morpheu, ella, com ruido, des-

denhosamente, atravessava a alcova e lá ia fazer a sua cama no gabinete em frente.

O marido, em valle de lençóes, desperto, mas fingindo-se adormecido, observava de cá, com a cabeça envolta nas cobertas, todos os passos da consorte. Via-a despir-se, fazer devotamente a sua oração, persignar-se e... apagar a vela.

V

Havia já oito dias que estas scenas se reproduziam inalteravelmente. Uma noite, porém,—noite humida e chuvosa, lugubre e triste, em que o vento parecia rasgar sudarios pela altura e gemer, agourento, pelas frinchas do telhado,—uma noite, o marido, torturado por cruel insomnia, ouviu gemidos no gabinete proximo. Prestou attenção, escutou: eram da esposa.

Os gemidos, a principio debeis e intercadentes, foram-se a pouco e pouco amuando. Tornaram-se mais intensos.

Aquillo, seriamente, incommodou-o. Estaria ella sentindo alguma dor? Seria uma enfermidade imprevista?

Sentou-se no leito e, attento, poz-se de novo á escuta. Foi então que os gemidos se succederam mais vehementes, intercalados de soluços.

O marido, inquieto, não se conteve. Saltou logo do seu leito e correu para o da esposa. Desejava saber o que estava ella soffrendo. Queria prestar-lhe algum soccorro.

Nem mais se lembrava da desavença entre ambos! Nem mais lhe occorria o protesto que ambos haviam feito!...

VI

— Que tens tu? Sentes alguma dor? Queres algum remedio? — inquiriu elle, afflicto, sobresaltado. A esposa, porém, nada respondeu. Continuou a chorar, soluçando com mais impetuosidade.

— Que tens? Dize-me! Queres algum remedio? — insiste o marido, agora um tanto mais assustado.

Julgava elle que a dor era intensa, martyrizante. Si o não fôra — reflectia — ella, por certo, não choraria assim.

De repente, porém, entrecortando os soluços, exclama a esposa, com a voz sumida, quasi apagada:

— Que ingrato que és! Tiraste-me da casa de meu pae, para me andares maltratando assim!...

Foi então que elle comprehendeu tudo.

Avaliou o esforço, pungente, dilacerante, que aquelle coração, ainda joven, devêra ter feito para cumprir o seu protesto. Via que ella não era, nem podia ser, mais forte do que elle. A ambos falleciam forças para manter, por mais tempo, aquelle capricho pueril. E teve pena della!

Abraçou-a commovido, enxugou-lhe todas as lagrymas, e, de joelhos, sellou-lhe na fronte um beijo casto, affectuoso, terno. Por ultimo, pediu-lhe perdão da aspereza com que a tratara. Numa palavra: consummara a reconciliação...

VII

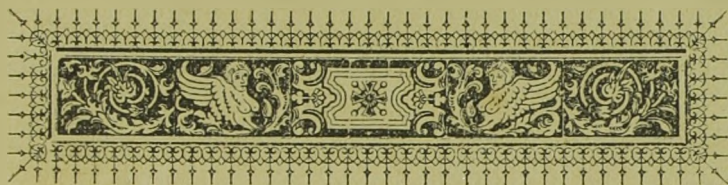
No dia seguinte, a manhã veio formosa como nunca. O firmamento, azul, limpo de nuvens, cheio de sol e canticos, apresentava um ar de consolação e ventura. A chuva

tempestuosa da vespera escorrera toda, desaparecendo como as lagrymas da sentida esposa: levava consigo as nuvens lobregas—nuvens de enfado e tristeza — que haviam, durante dias, empannado o crystallino brilho da atmospherá.

Os dois consortes, como si nada houvesse acontecido, amanheceram ambos no mesmo leito...

Ao sahirem da alcova, a esposa, sorrindo, toda absorta em sua felicidade, exclamou ingenuamente:

— Oh! como é bom fazer as pazes!
Quando *brigaremos* outra vez?...



ALEGRIA REFLEXA

I

Qpae chegara naquelle instante. Ainda com a roupa de viagem, todo empoado, mandara chamar as filhinhas. Estavam ambas brincando, trêfegas, risonhas, no fundo do quintal, à sombra das ameixeiras em flor.

Ellas, ao saberem que elle viêra, deitaram logo a correr. Queriam vêr, à porfia, qual lhe beijava primeiro a mão.

O pae, de pé, na sala de visitas, com uns embrulhos sob o braço, aguardava, ansioso, a vinda das filhinhas. O seu rosto pallido resplandecia. Illuminava-o já o antegoso do expansivo jubilo que, ruidosamente, ia rebentar d'aquellas alminhas puras, crystallinas, feitas de docilidade e innocencia.

II

As duas crianças entraram açodadamente na sala. Abalroavam-se, disputando a mão do pae.

Este, tendo-as beijado com carinho, tira de sob o braço um embrulho, e, sorrindo, diz-lhes :

— E' daquella que *adivinhar* primeiro! — E levanta para o ar, na ponta dos dedos magros, o enigmatico volume.

— E' um doce! Uma fructa! Uma gaita! Um carrinho! — bradam ellas, alternadamente, alegres, alvoroçadas. Saltam em redor do pae, com a cabecinha inquieta, muito erguida, quasi virada para trás, a ver si, assim, *adivinham* o conteúdo do mysterioso envolucro. A essas exclamações, porém, ia o pae respondendo negativamente, com um simples meneio de cabeça.

Por fim, sempre acertaram. Eram duas bonecas, de massa, ambas vestidas do mesmo modo, com o mesmo chapellino branco, com a mesma cabelleira fulva, com os mesmos olhinhos côr de céu.

Oh! não se descreve o jubilo das duas crianças! Gritaram, bateram palmas, dança-

ram em volta do pae, satisfeitissimas com tal surpresa.

III

Curiosas e interesseiras como todas as crianças, as duas meninas ficaram soffregas por ver o conteúdo dos demais embrulhos. Para isso, começaram logo a agradar o pae. Contaram-lhe, ao ouvido, com ineffavel meiguice, como em segredo, que ellas tinham guardado para elle « *pês de moleque* e laranja lima »...

O pae, entretanto, fez o mesmo divertido jogo, para que *adivinhassem* os outros mimos.

Eram figuras de chumbo ou de madeira: lebres de pé, com as patas encolhidas e as orelhas erectas; homens sentados, com as mãos sobre o peito e a cabeça sem chapéo...

Que graça, que originalidade achavam naquellas figuras toscas, mal amanhadas, ridiculas!

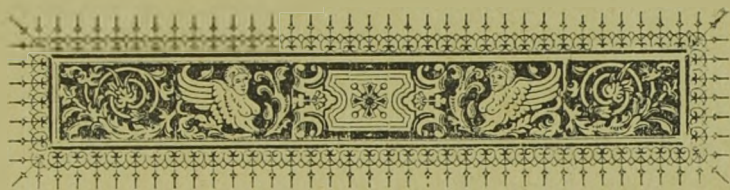
Por isso, contemplando-as, analysando-as, virando-as de baixo para cima, bradavam, entre jubilosas explosões de riso:

— Olha a orelha da lebre ! Olha a barbinha della ! E' ver barba de gente...

— O velho è careca ! E està com a mão na barriga ! Coitado !...

.
.

E o pae, inebriado pelo contentamento das filhinhas, esquecia-se das decepções da vida, e, com delicia, ia bebendo n'alma a alegria limpida, crystallina, que a flux vertiam aquelles olhos innocentes.



A VEIA AZUL

O coração presago nunca mente.
CAMÕES

I

QUA o pequerrucho, effectivamente, o enlevo de seus paes. Que mimo, que graça lhe não achavam, quando elle, no fundo do quintal, ao collo adusto da ama, agitava os bracinhos nedios, muito brancos, e, encarando-os, desabrochava a boquinha rosea, num delicioso sorriso de contentamento!

Nessas occasiões, as duas irmãsinhas saltitavam-lhe em torno, a *pagina* corria com elle negaceando, ellas o perseguiam, e o jocundo innocentinho, olhando para

trás, como a fugir de medo, continuava a rir, a rir com intenso gaudio, mostrando as gengivinhas rúbidas, sem dentes.

No banho, tão irrequieto e alegre se mostrava, que parecia um passaro sylvestre, a espannejar-se todo num lago, sob o verde docel das arvores, ao calor cansativo do meio-dia. Batendo os pés minusculos, de uma carnação fresca, de petalas de rosa. ou meneando os braços esculpturaes, como que talhados em marmore grego, — fazia a agua espirrar longe, para os lados, alagando o soalho do aposento.

A's vezes, para o experimentar, a mãe deixava-o só, sem amparo, na bacia. Elle, porê, sentadinho, com o busto erecto, equilibrava-se, apoiando as mãos na borda e ficando os pés no fundo. E victorioso, e triumphante, sorria alegre, olhando para os paes, como a dizer-lhes: — Vêem? Já fico sózinho aqui!

Outras vezes, á noite, quando o pae trabalhava no gabinete, a mãe levava-o para lá, e, com elle ao collo, sentava-se numa poltrona ao pé da mesa. Alli, o trêfego innocentinho, esperto, sem somno, divertia-se, até tarde, bulindo nos objectos

que lhe estavam proximos: na regua, no peso de crystal, no *buward*. Por fim, agarrava, com as mãos ambas, a espátula de marfim, e com ella malhava forte no braço ou na mão do pae, como que a solicitar-lhe a attenção. O pae deixava de escrever, fazia-lhe festas, beijava-o, e, como não podia perder tempo, continuava o seu trabalho, — absorto sempre no que transmittia ao papel.

Dalli a pouco, o irrequieto pequerrucho, — que não queria accommodar-se, bulindo ora num, ora noutro objecto, — pegava de mexer com a escrevaninha de nickel, tocando-lhe com os dedos no botão do tympano, que badalava, resoando argentinamente.

O pae achava graça áquillo e, afinal, suspendendo por aquella noite o seu trabalho, punha-se a brincar com o filho, descuidosamente, fazendo-o saltar, como um boneco, sobre os joelhos.

Ahi, sim, é que o pequenino se mostrava mais vivo, mais risonho, mais alegre! Molleava o corpo rechonchudo, curvava as perninhas anafadas e, vergando para trás a cabeça angelica, cascalhava,

num perenne frouxo de riso, as suas risadinhas sem dentes...

A mãe, nessas horas de contemplativo êxtase, bebia dos olhos fulgidos do filho toda aquella alegria viçosa, exuberante, que delles copiosamente rebentava. E o seu rosto animava-se, illuminava-se, banhava-se todo em luz. E dos seus grandes olhos castanhos, humidos e radiantes — como, á noite, das janellas de um castello em festa — jorravam fulgurações de jubilo, claridades brancas de goso...]

II

Todavia, nessas breves horas de enlevo, de contemplação, de verdadeira ventura, uma idéa aziaga vinha sempre — como nuvem de borrasca empannando o fulgor do sol, ou como aza de abutre adejando em torno a uma luz — corvejar sobre aquella alma exultante, radiosa, toda accesa em brilhos de felicidade! E, logo, a illuminação festiva daquelles olhos se amortecia, entibiava-se, ia-se a pouco e pouco apagando. Por ultimo, após meditativo silencio, contemplando ainda

o gentil infante, a joven mãe suspirava, com um ar soturno, sombrio:

— Ah! meu *negrinho!* essa veia azul! . . . essa veia azul! . . .

III

Tinha o menino, realmente, entre os olhos lípidos e fulgidos, sobre o nariz de linhas suaves, correctas, uma veia azul, muito azul, — como um traço de lapis ainda humido, ou como ligeira pincelada de anil, em linha horizontal, de uma lacrymal á outra. A graciosa veia, tão viva, destacava-se pinturescamente da textura jaspea, levemente rosea, daquelle rosto de cherubim raphaelesco.

Mas, para a apprehensiva mãe, era aquillo um mau presagio... E não podia fitar a veiazinha fatidica, sem que um negro presentimento lhe sombreasse a alma, apagando-lhe logo toda a alegria. Si lhe indagavam, acaso, nessas occasiões, por que tanto a inquietava a pinturesca veia azul, tão engraçada e linda naquella carnção de leite e rosa, — a ingenua mãe ponderava sempre, com desconsolo:

— Dizem que essa veia é mau signal... Criança que nasce com ella, assim, nesse logar, não vingá.

A malsinada veia não era, pois, para a amorosa mãe, simples particularidade physica, mero capricho da Natureza: era... um traço azul do Destino!...

IV

A joven senhora, durante a molestia do pequerrucho, vendo-o tão abatido, desfigurado, repetia, em tom queixoso, o seu funesto presentimento. Mesmo depois, quando o menino manifestava melhoras, quando todos, cheios de esperanças, acreditavam que elle em poucos dias sarasse, — só ella, a vidente, olhando para o traço anilado, ceruleo, azulino como a turqueza eterna do Céu, exclamava sempre, com um sorriso dubio, travado de amargurosa ironia:

— Sim: está melhor! Mas... essa veia azul?! essa maldita veia azul?!...

V

Na noite em que feneceu o formoso lirio — noite frígida e húmida — a maguada mãe recusou-se, por vezes, pertinazmente, a ir procurar repouso. Queria permanecer allí, na sala mortuária, junto á mesinha tosca, sem labores, onde, sobre alvíssima toalha e ao clarão tremulo das velas de quatro castiças de prata, dormia, para todo o sempre, o mimoso cherubim.

Sentada, com um cotovello sobre a mesa, tendo numa das mãos um lenço, onde afogava o rosto lavado em lagrymas, a dorida mãe inebriava-se com saudosas recordações. Silente, immota, persistia como uma estatua, — numa immobilidade cerâmica, num mutismo tétrico de esphinge...

A noite era invernosa. Todos, sacudidos pelo frio, conchegavam-se bem nas suas capas ou sobretudos. Só elle, o pequenino, allí estava, sobre aquella mesa tão dura, forrada apenas por uma toalha de linho, a cabecinha inerte sobre pequena almofada, tendo amarrado, por baixo do queixo, um lenço de sêda, muito alvo. Só

elle dormia assim, quasi nú, sem nenhum concheço, — elle, que sempre dormira em seu berço de faia, bem abrigado em amplo timão de lã, envolto em confortaveis cueiros de baêtilha...

A mãe, pensativa e triste, não queria afastar-se um só instante do seu amor. Sabia que, dalli a poucas horas, ia elle deixal-a para sempre. E de pé, encostada á mesa, enxugando as lagrymas que lhe rorejavam as faces, continuava a contemplar as bellezas ineffaveis, peregrinas, daquelle corpo angelical. Que mãos mimosas! Que pés tão pequeninos! Que braços! Que collo! Que rostozinho perfeito!... E beijava, uma a uma, todas aquellas maravilhas de perfeição plastica.

De repente, porém, lembra-se de examinar-lhe com mais tento o rosto. Quer contemplal-o bem de perto.

As palpebras, mal cerradas, deixavam ver, agora, apagados e nevoentos, aquelles olhinhos castanhos, — tão vivazes, tão limpidos, tão rutilantes, cheios outr'ora de vida e formosura.

Após o seu exame, a joven senhora volta-se para o marido e, num assomo de surpresa, diz-lhe:

— Causa singular! Apagou-se a veia azul!...

De feito, já se não via alli, através do pallor da morte, no rostinho marmoreo da criança, a veia côr de céu, a veia obsessão, o traço azul da mão inflexivel do Destino!...

.....
.....

VI

Volvidos já dois mezes, por uma longa noite de chuva, o pae do finado innocentinho escrevia qualquer cousa em seu gabinete de trabalho. Aclarava o recinto a luz branca, suave, de uma lampada flamenga, velada, discretamente, por amplo sombreiro de porcellana côr de leite. A um lado, silente e recolhida, a esposa fazia certo trabalho de agulha.

No telhado, somnolenta e embaldadora, a chuva cantava monotonamente, rolava, em jorros, para a rua e, com estralejos asperos, compassados, batia nas pedras do passeio, encachoeirando-se, rugidora, para as valletas de escoar-

mento. Não havia convulsões na Natureza: nem relampagos, nem trovões, nem lufadas rijas de noroeste. Era essa chuva calma, serena, proliferante, — verdadeira chuva do céu — que faz vicejar, na horta, as leiras dos repolhos e florir, no cemiterio, as sepulturas dos anjos...

Marido e esposa, ambos se recordavam, áquella hora, do tempo em que para alli vinha o pequerrucho fazer-lhes companhia. Estavam ainda sobre a mesa, em seus logares, o peso de crystal, a espátula de marfim e os restantes objectos, com que elle, o innocentinho, tanto gostava de brincar. Alli fulgia ainda, argenteamente, silencioso, immovel, — espelhando, com reflexos frios, a claridade lactea da lampada, — o mesmo tympano de nickel que o menino, risonho e alegre, fazia vibrar ás vezes, com seus minusculos dedinhos roseos, tocando com força no botão reluzente. Eram, agora, monumentos da Saudade...

O marido, ouvindo o jorrar da chuva, reflectia que, emquanto elle e a esposa estavam alli, agasalhados em suas vestes de inverno, o seu filhinho, tão lindo e gracioso, — em vez de estar ainda com elles, alli mesmo, bem abrigado em seu

timão de flanela, com os pés calçados nuns sapatinhos de lã — lá estava agora, tão longe, num canto escuso do cemitério, dormindo a sós, para todo o sempre, num caixãozinho escarlata, sob a terra fôfa, infecta, humida e fria, fecundamente regada, áquella hora, pela abençoada chuva que faz vicejar as leiras e florir as sepulturas...

Tambem a esposa, embevecida em recordações que lhe embalavam a alma, levanta a cabeça de sobre a agulha e circumvaga o olhar morto, de somnambula, pelos objectos, agora inestimaveis, com que brincava o seu filhinho. Fita-os longamente, esquecidamente, como quem, em espirito, faz doloroso retrocesso ao passado. Depois, ergue o braço e, com o dedo vermelho do brandir da agulha, toca com força no botão do tympano, que resôa intensamente naquelle ambito silente e triste.

O marido, então, arrancado, de chofre, ao seu labor mental, volve-se, prestes, para o tympano resoante. Ludibriava-o uma illusão.

Tendo-lhe observado aquelle movimento, a esposa volta-se para elle, e logo,

com uma voz triste, dolente, transida de saudade, pergunta-lhe:

— Lembras-te?

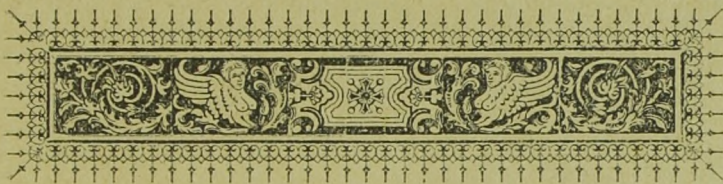
— Oh! si me lembro!...— acode elle, com amargura. Nem sei, até, por onde errava o meu espirito... Deslembrado de tudo, esquecido da realidade, julguei que aqui estava ainda, ao nosso lado, o pequenino morto...

—E bem pudéra estar! — ponderou ella, em tom lugubre, mysterioso. — Mas... aquella veia azul?!... aquella maldita veia azul?!...

As ultimas palavras desta extranha interrogação, — esmorecidas, quasi apagadas, — morreram-lhe, entre os labios, na explosão dolorosa de um soluço.

.....
.....

Em cima, no telhado, cantava ainda, monotonamente, com um rhythmico languido, embalador, a chuva serena, proliferante, — verdadeira chuva do céu — que, ao mesmo tempo, faz vicejar, na horta, as leiras dos repolhos e florir, no cemiterio, as sepulturas dos anjos...



IN EXTREMIS...

I

Foi num domingo, pela manhã. Não num desses domingos limpidos, dourados, lucidamente jocosos, em que, no ar fresco e diaphano, sonorizado pelo gorgear dos ninhos ou pelo vibrar dos campanarios, paira sempre uma nota alegre, de paz e de descanso. Foi num domingo diverso dos outros, — enfarruscado, carrancudo, tétrico; num desses dias plumbeos, côr de cinza, em que não sabemos bem si amanhece, ou si principia a fazer-se noite. A duvida — o torvo crepusculo d'alma — si tivesse côr, devêra ser assim...

Chegara o momento extremo, decisivo, em que se ia resolver o formidavel dilemma. Ou aquelle seio fecundo desabrocharia gloriosamente, lançando de si mais um ente á communhão dos vivos, — ou permaneceria sinistramente fechado, para transformar-se em milhões de vidas no vasto seio maternal da Terra.

Na sombria alcova, frouxamente alumuada por tristonha lamparina, pesava um quê de solemne e grave, alguma cousa de terrivel e dubio — a expectativa dolorosa da incerteza...

A parturiente, exhausta, quasi exanime, jazia no leito, de costas, pernas curvadas em angulo, braços em cruz sobre os seios, fronte marmorizada pela dôr, a confundir-se, em alvura, com as fronthas nitidas do travesseiro. Muitas horas havia que ella, a martyr, se estortegava em vão, afflicta, angustiada, o ventre em dôres lancinantes, como si nelle se cruzassem muitas facas, rasgando-lhe brutalmente as visceras.

A *comadre*, trepada sobre o leito, mantinha-se de cocoras, quasi de joelhos, na attitude professional, á espera do já tardio momento physiologico. Nada, po-

rêm, se decidia. O rosto da puérpera, cada vez mais demudado, mais descolorido, confrangia-se a espaços, na agoniada expressão de um baldado esforço. E grossas camarinhas de suor brotavam-lhe da fronte, das faces, do nariz, de mistura com as lagrymas que, entre gemidos lugubres, copiosas lhe desciam dos olhos baços, alagando-lhe todo o rosto. E os seus cabellos castanho-escuros, derramados em desordem pelo alvissimo travesseiro, tinham alli, sob a penumbra quasi funerea daquella alcova, um destaque vivo, brutal.

O marido, sentado á cabeceira da enferma, o rosto apoiado a uma das mãos, presenciava, em silencio, succumbido, inerte, toda aquella inenarravel angustia. Após profunda meditação, curvou-se mais sobre o leito e, uma vez ainda, fervorosamente, supplicou á esposa consentisse que fossem chamar um medico. A Sciencia, em casos taes, é excellente cooperadora da Natureza. Ella soffreria, por certo, pequena operação, — de dez a quinze minutos, si tanto; mas, em breve, tudo terminaria a contento... Para que havia de

prolongar-se aquelle supplicio atroz, horrivel, pavoroso?

Ella, porém, inabalavel em seu proposito, respondeu que não. Em seu corpo — declarou ainda, com a voz já debil, fatigada, — outro homem não poria as mãos, a não ser o seu marido. Si o mal era de morte, de nada a Sciencia valeria. Por isso, resignava-se aos designios de Deus. Era chegada a sua hora? Paciencia: sentia-se preparada para a eterna viagem...

O marido, respeitando-lhe a vontade, admirou-lhe tão adoraveis resquicios de pudor virginal.

II

A parturiente, mal respondera ao marido, cahira logo em extrema prostração. Cerrara os olhos bruxoleantes e, docemente, adormecera no lethargo que succede ás grandes crises.

A' quietação funerea daquelle quarto, já quasi mortuario, chegavam soluços, mal abafados, de parentes da enferma, em antecipado pranto pelo luctuoso caso que esperavam. A tristeza do dia, o clarão

mortiço da lamparina, a physionomia, já quasi cadaverica, da esposa, e, agora, aquelle chorar convulso, compresso, timidamente suffocado, entorpeceram a alma do marido. Sentia elle, ineluctavelmente, essa tremenda depressão moral em que a alma parece morta, e a vida só se accusa pelo pulsar fremente do coração, pelo respirar ruidoso dos pulmões, pelo martellar cyclopico das temporas, onde o sangue, fervendo, zumba como um enxame de vespas alvoroçadas. . .

E foi alli, depois de uma atonia dolorosa, que em seu espirito se operou extranha florescencia de idéas. Na perspectiva lugubre da viuvez, todo o seu passado se lhe avivava na imaginação. E nunca elle sentira, como agora, tão penetrante saudade daquelle tempo. Recordava-se, com uma nitidez torturante, do primeiro olhar que ella lhe concedêra, da primeira flor que lhe offertara, do primeiro beijo que lhe deixara pousar na fronte, da primeira noite de suas nupcias, — emfim, de todos esses estadios gloriosos da vida do coração. E, no indeciso crepusculo do presente, comparava, cheio de irresistivel tristeza, todas aquellas alvoradas rissonhas

do seu passado com a noite luctuosa de um futuro infausto, que lhe parecia imminente, inevitavel! Dentro em pouco estaria viuvo, — elle, que ainda não contava um anno de vida conjugal! O seu lar, sorridente, ledó, todo enflorado pela esperança do primeiro filho, — o seu lar, até então alegre, venturoso, dentro em pouco cobrir-se-ia de pesado lucto. Aquelles olhos amados, de um brilho meigo como o das estrellas, logo se apagariam e... para todo o sempre! Aquelle formosa bocca — ninho, outr'ora, de affectivos beijos — cerrar-se-ia de todo, funeralmente, para não mais se abrir! Numa palavra: aquelle formoso corpo, esculptural, de formas puras, peregrinas, tornar-se-ia, em breve, irrevogavelmente, uma porção de materia fria, inerte, monstruosa, — para servir de pasto, em famulenta orgia, á lubricidade voraz dos Vermes do cemiterio!...

III

Um gemido longo, profundo, dolorosissimo, da enferma, veiu arrancar o marido áquelle pesadelo horrivel. Ella, agora,

parecia-lhe mais afflicta. As dôres no ventre, nos flancos, como vigorosos talhos de aceradas laminas, amiudavam-se atrozmente, e ella — coitada! — de costas, o semblante esmaecido, olhos congestos, exorbitantes, chispeando ás vezes com um fulgor extranho, phosphorescente, pegou de mover-se com angustia, com grande ancia, em violentas contorções.

O marido, condoidamente carinhoso, passa-lhe a mão pela frente e, surpreso, encontra-a alagada de um suor gelido, glacial, que lhe empastava os cabellos setinosos, desfrançados e esparsos pelo collo eburneo. Approximou-se mais do seu semblante, e, com os olhos nos olhos della, pediu-lhe meigamente, como um grande favor ao pequenino nascituro, ingerisse, ao menos, para ter forças, algumas gottas de vinho. Aquillo, tambem, era fraqueza. Como queria ella desoccupar-se, si lhe faltavam energias ao organismo?

A enferma, ainda uma vez, rejeita o liquido, meneando negativamente a cabeça. O marido, porém, insiste, supplicando-lhe com fervoroso carinho. Era preciso que ella se reanimasse, reconquistasse o vigor perdido, tentasse, emfim, novos

esforços, para terminação daquella terrivel lucta. A enferma recalcitrou ainda; mas, por ultimo, annuiu. Reclinou-se a custo no leito, e, com indifferença, com abandono, sem visos de vontade, exgottou resignadamente o pequeno calice de crystal lavrado, onde, aos reflexos tibios da lamparina, lourejava o nectar vitalizante, com uma coloração sadia de topasio liquido. Poucos momentos apòs, cahia ella em novo collapso, cerrando mollemente as palpebras, como quem, ao cabo de um trabalho rude, extenuante, adormece num somno reparador...

I V

Nesses momentos seculares de provação moral, nessas dolorosas crises de desalento, é que o homem — ser impotente e fraco perante a Morte — confirma a classificação de Quatrefages. Seja esta ou aquella a sua philosophia, tenha o seu espirito a cultura que tiver, seja um illuminado da Crença ou um torturado da Duvida, — nesses momentos de suprema angustia, é elle, fatalmente, um *animal*

religioso..... Religioso, pela necessidade imperiosa de appellar para um poder superno, omnipotente, que não é, nem pode ser da terra; animal, por esse impulso intimo, incoercivel, — verdadeiro instincto, — que, apesar de tudo, o guia em tão formidaveis transes.

No oratorio da casa, de joelhos, em frente á imagem compassiva e meiga da Mãe do Christo, orava férvidamente uma virgem, irmã da enferma. Alli no quarto, tambem, de joelhos sobre a cama, agarrada a um amuleto pendente do pescoço, a parteira, na impotencia do seu mister, balbuciava ardentemente uma prece, confiada nas salvadoras virtudes do afagado talisman.

O marido, embrenhado numa selva escura... de pensamentos— tão escura como a do vate florentino — comparava aquellas duas almas, tão varias em idade, em experiencia da vida, e, mais ainda, em intuição religiosa, a duas plantas criadas em ambientes diversos: uma, toda em flor, exhalando para Deus o purissimo perfume da sua fé; a outra, não menos florejante e vívida, mas ai! enroscada de parasitas, que lhe tolhiam a pureza da florescencia.

Então elle, alma crestada pelo bafo pestilencial do seculo,—alli, em face do Mysterio augusto, do eterno Incognoscivel,—respeitava, no mesmo grau, a crença e a superstição, abrigando-se, timido, entre ambas...

Por isso foi que,—quando a parteira, desanimada, sem esperanças de bom exito, arrancava do pescoço o talisman benéfico para o pendurar ao collo da agonizante,— elle, indignado, teve impetos de obstar tão ridicula baboseira. Mas, logo, reflectindo um pouco, fecha os olhos áquillo, —prompto a todas as transacções do espirito em tão angustioso momento... E, entre a superstição e a crença, na humilhação suprema da sua dor, ilhado entre o *ser* e o *não ser*, cai de joelhos ao pé do leito. E, de seus labios febricitantes, sahida do coração agoniado, evola-se para o Céu — arca da alliança nesses cataclysmos d'alma — como a ave biblica procurando um pouso, a mais dolorida, a mais vehemente, a mais sincera das orações!...

E' que, como os corpos abandonados no espaço gravitam para a terra, a alma, desamparada na sua dor, gravita sempre, fatalmente, para Deus!

.....

V

A enferma, após breve modorra, despertou de novo, contorcendo-se afflictivamente. Os seus gemidos lugubres, lancinantes, penetravam fundo no coração do esposo; augmentavam, cada vez mais, a sua depressão moral. O olhar que ella lhe fitava então — olhar triste, esmaecido, vagamente queixoso — parecia-lhe traduzir certa recriminação contra elle. Figurava-se-lhe que ella, olhando-o assim, com aquella melancolia ineffável, tacitamente o culpava das suas dores, das suas angustias, da sua indizível agonia... E elle, atormentado, afflicto, sentia-se réo de uma culpa, talvez irremissível, mas... involuntaria.

A *comadre*, notando na enferma certa reacção physica, conheceu logo, pelo instincto profissional, que era forçoso reanimar-lhe tambem o espirito. E, com meiguice, com insinuante doçura, disse-lhe:

— Está por pouco, minha menina. Mais um bocadinho de coragem e... fica tudo decidido. Está por pouco...

O marido, observando o salutar effeito de reanimação moral que essas palavras, quasi magicas, produziam, prosegue a empresa da *comadre*. E accrescenta:

— Vamos, minha amiga! Tenhamos fé em Deus! Invoquemos a protecção de Nossa Senhora! Animo! Coragem! Dentro em pouco, teremos um anjinho a alegrar os nossos dias.

E, fazendo-a cruzar os braços sobre os seus hombros, conclue:

— Vamos! Abraça-te commigo! Assim. Segura-me com força! Animo! Coragem! Tem fé na Mãe de Deus — nossa poderosa protectora, agora e em todos os transes desta vida!

A parturiente, como que por encanto, reconquista as forças perdidas em uma agonia de tantas horas. Com o rosto congesto, os olhos desvairados, os labios premidos entre os dentes, num esforço derradeiro do organismo lacerado, abraça-se com o marido e, de costas, pernas em angulo, soerguendo as cobertas alvas do leito, arrasta-se penosamente, convulsamente, com o corpo dobrado em *z*.

A parteira, firme no seu posto, como um general em campo de batalha, soltava exclamações animativas: — Força! Coragem! Está por pouco!...

O marido, vendo um ser tão fraco, tão debil em sua constituição organica, mostrar-se assim,— forte, valeroso, heroico,— naquelle horrivel rasgar de entranhas, naquelle pavoroso dilaceramento, sente a alma contorcer-se-lhe numa compaixão immensa. E só então, em face daquella agonia horrivel, só depois de sentir-se pae, pôde elle avaliar, conscientemente, o muito que um filho deve a sua mãe...

VI

A *comadre*, alérta, com os braços mergulhados sob as cobertas em desordem, aguardava, anciosa, o momento decisivo. E continuava a soltar phrases de acoroçoamento para a puérpera. Esta, agarrando-se ao marido, como um afogado ás rispidas anfractuosidades de uma rocha, sacudindo epilepticamente o leito, que rangia, aspero,

nas juntas, ia-se a pouco e pouco unindo áquelle peito amigo, salvador. E gemia, e soluçava, e vertia grossas lagrymas, no barbaro, no medonho dilacerar de um primeiro parto laboriosissimo. Por fim, exausta, extenuada, com a voz sumida na garganta, solta um gemido longo, lugubre, despedaçador, que, doloridamente, reboou por toda a casa. Nisto, a parteira brada triumphante, cheia de gloria:

— Prompto! Está acabado!...

E, logo, ao choro abafado do recém-nascido, que se debate, como um peixe, sob as cobertas do leito, mistura-se o pranto do pae, beijando, commovidissimo, a fronte humida da esposa. E ambos choram, ambos deliram,— mas de alegria, de jubilo, ao verem alli, naquelle instante, renascer a ventura do seu lar.

O vagir da criancinha, como um pregão de bonança, attrahe á alcova, de tropel, todas as pessoas da casa! Subito, naquelles corações amantes, pouco antes torturados por atrozes apprehensões, irradiava-se o mais vivo contentamento. E, como goivos funebres trocados por fes-

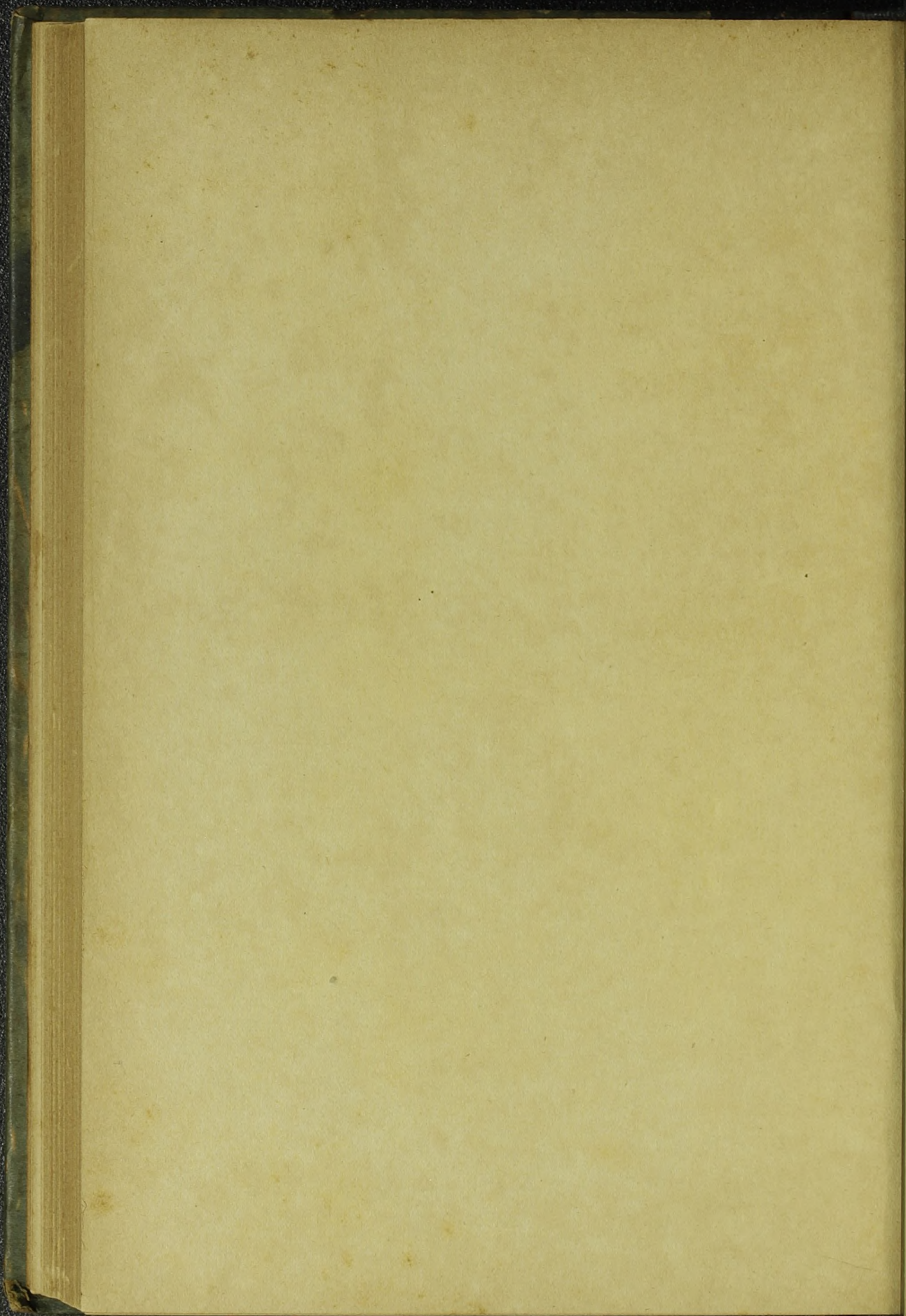
tivas rosas, as lagrymas de tristeza mudam-se logo em risos de alegria!

.....

.....

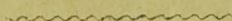
No alto, a mui pequena distancia, o campanario de um templo repicava gloriosamente para a missa conventual, como sonoro hosanna de almas agradecidas, louvando a esse Deus das alturas — invisivel e eterno — que ás vezes tarda com o seu amparo, mas nunca abandona aquelles que, na angustia, não desesperam da sua bondade infinda!...

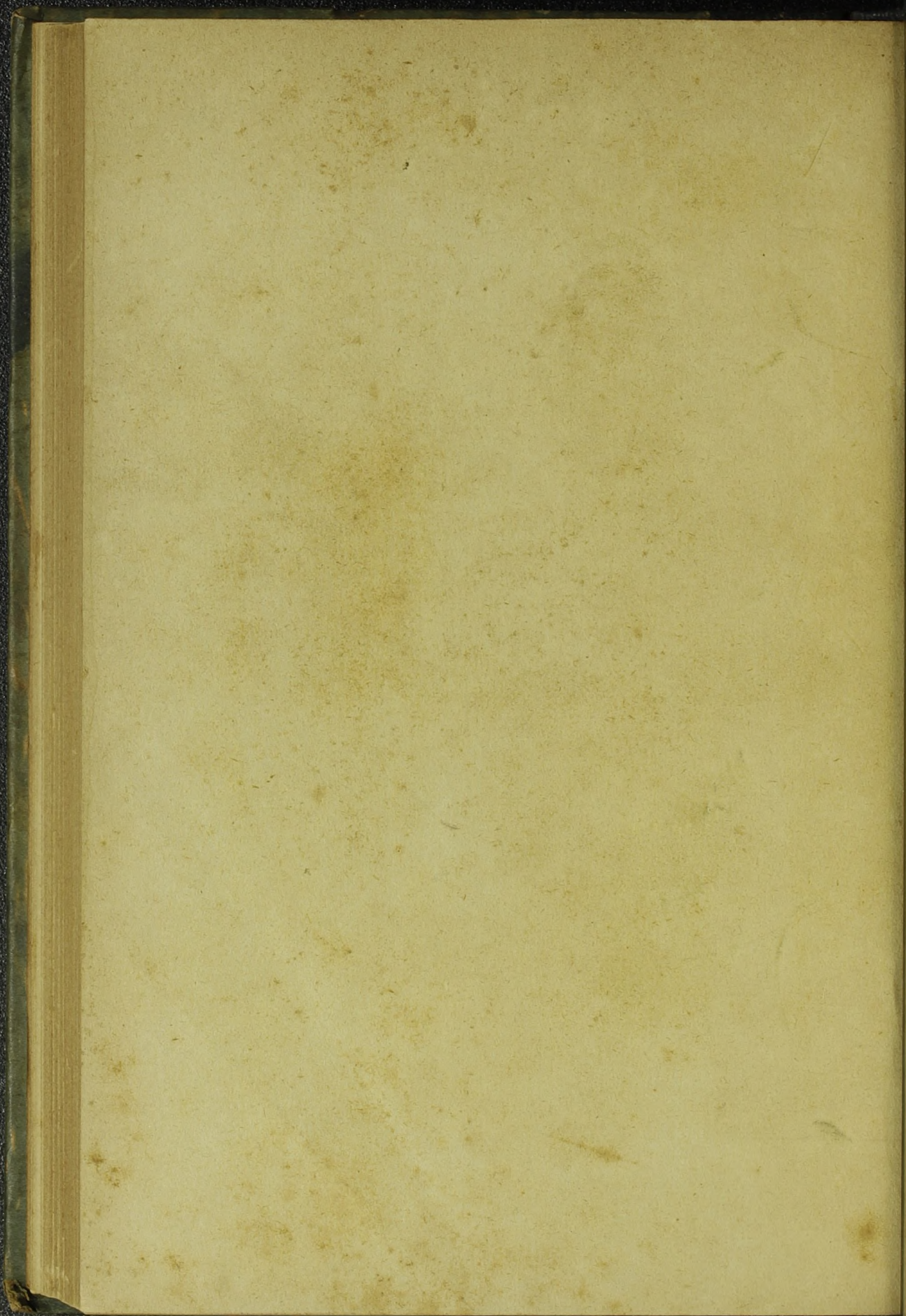
F I M

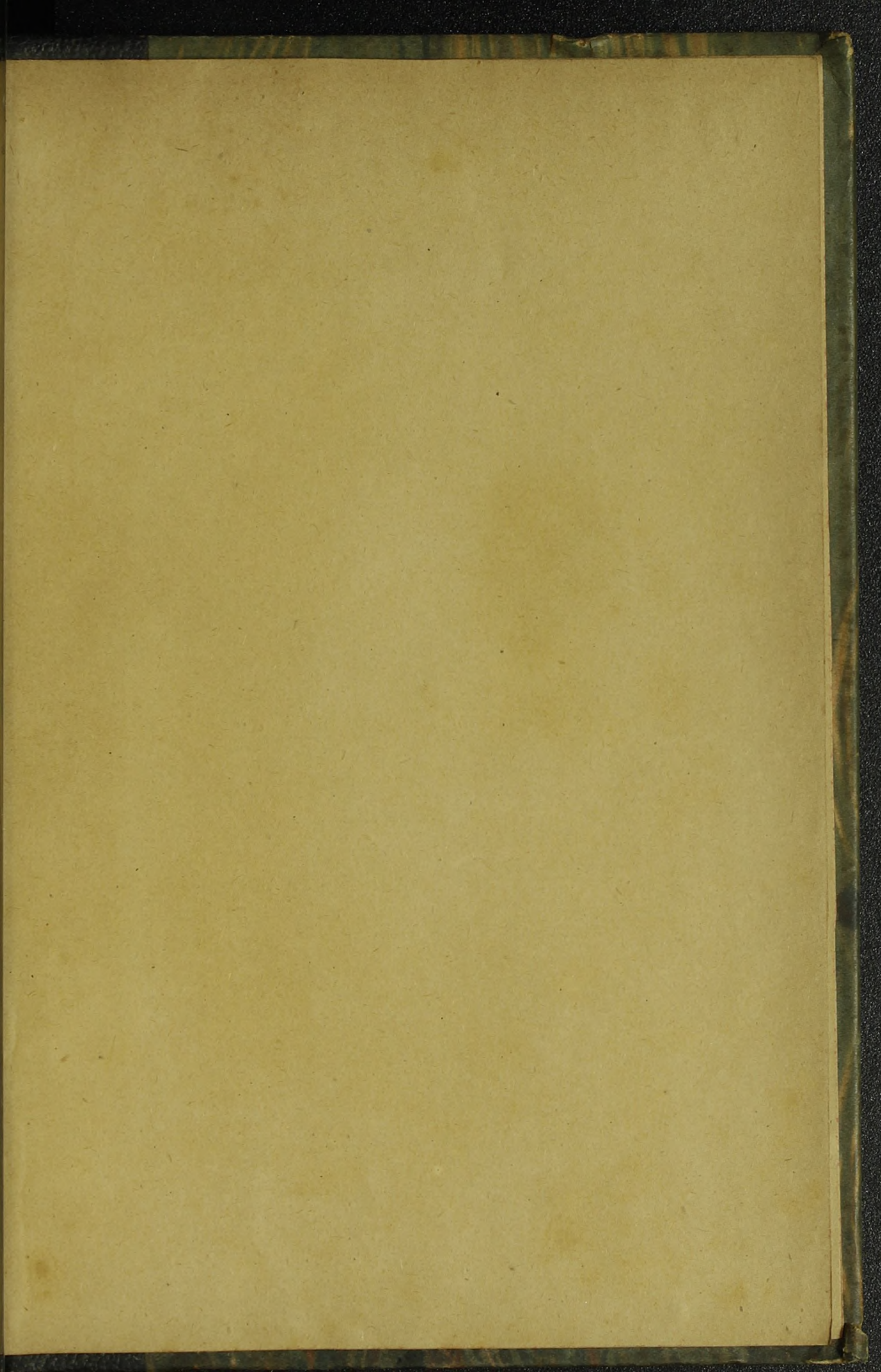


INDICE

A' mesa do chá	pag. 5
Guidinha	13
Flôr symbolica	25
Contraste	37
Vandalismo!	43
Reliquias	49
Dois annos!	55
Affecto pelo ideal.	61
« Dandy »	71
Mudanças	97
Um invalido das letras	103
Dadiva de pobre	111
Incongruencias...	119
Fausto	125
Um movel tradicional	137
Tia Maria	143
Depois de procellosa tempestade...	159
Alegria reflexa	167
A veia azul	171
<i>In extremis</i>	183







600.

